

HT-196



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A MISSÃO SUÍÇA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS COMUNIDADES**  
**RONGA**  
**( 1930 - 1960 )**

**(O Caso das "Mintlawá" )**

**Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para  
obtenção do grau de *Licenciatura* em História, na Universidade Eduardo  
Mondlane**

**Paulino Ricardo**

**MAPUTO, 2006**

HT-196

**A MISSÃO SUÍÇA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS COMUNIDADES  
RONGA, 1930 -1960 ( O caso das "Mintlawá" )**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para  
obtenção do grau de **Licenciatura** em História na Universidade Eduardo  
Mondlane.

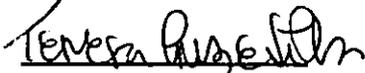
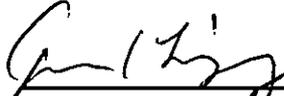
Por: **Paulino Ricardo**

Departamento de História  
Faculdade de Letras e Ciências Sociais  
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Prof. Dra Teresa CRUZ e SILVA

U.E.M. - F.L.C.S.	
R. E. 31512.....	
DATA... 14 / 07 / 06.....	
AQUISIÇÃO... Ofenta.....	
COTA... HI-196.....	

Maputo, 2006

O JURI:			
O Presidente:	O Supervisor	O Oponente	Data
			28/06/06

## DECLARAÇÃO

**Declaro por minha honra que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência para obtenção de qualquer grau acadêmico e que ela constitui o resultado da minha pesquisa pessoal estando devidamente indicada no texto toda a bibliografia em que se baseou a sua elaboração.**

## AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos muito especiais vão para a minha supervisora, **Prof. Dra Teresa Cruz e Silva** que com persistência e paciência ímpares, me encorajou e me motivou a aprofundar este tema, pela sua atenção, visão crítica e rigor na correção e direccionamento. Ao meu co-supervisor e professor de longos anos de aprendizagem, **Prof. Dr. David Hedges** que desde a primeira hora me encorajou sobre a pertinência e utilidade deste tema, de que hoje muito me orgulho e considero ter sido uma verdadeira escola. À **Prof. Dra Alda Saute**, crítica incansável, o seu posicionamento e rigor muito me inspiraram.

Não poderia esquecer a grande família da Missão Suíça, desde Khovo até ao Sínodo de Ricatla, os Pastores, **Simão Chamango (já falecido)**; **Gabriela Mucavele (falecida)**; **Oriente Sibane**; **Administrador Matsinhe**; **Amosse Baltazar Zitha**; **Pastor Daniel Chitolo Nkonwana**; **Prof. Jan Van Butselaar** e tantos outros membros da Igreja que sempre se dispuseram a apoiar a minha pesquisa em todos os quadrantes.

Aos trabalhadores e funcionários do *Arquivo Histórico de Moçambique*, e da *Biblioteca do Centro de Estudos Africanos* pelo seu profissionalismo no atendimento dos utentes, dos quais fiz parte por muitos anos. A todos aqueles que directa ou indirectamente tornaram possível a realização deste trabalho, o meu muito obrigado e esperança de que possamos continuar a trabalhar juntos.

### DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha mãe Marta Quimisse Gomes, que com muito sacrifício, mas com muito amor criou-me e acompanhou ao longo de todos estes anos, e para a qual me sinto sempre criança. Aos meus tios e aos meus irmãos, tutores incansáveis dos meus estudos. À minha família que de perto soube partilhar as minhas angústias, stress e perdoar as minhas ausências.

**Aos Pastores da Igreja Presbiteriana de Moçambique - IPM, Gabriela Mucavele e S. Chamango, PAZ em sua memória**

## RESUMO:

A identificação de modelos, ou de experiências bem sucedidas, que permitam aos diversos sectores da nossa sociedade, buscar referências de forma a oferecer aos nossos jovens uma educação adequada, que não se limite apenas no desenvolvimento do intelecto e de habilidades, aspectos sobre os quais a instrução tem desempenhado um papel importante, mas que também conduzam ao desenvolvimento dos valores cívico e moral, bem como o sentido de auto estima; constituem no nosso entender, um dos maiores desafios da sociedade contemporânea moçambicana. Éste aspecto é para muitos, o ponto de ruptura entre a antiga geração, e a actual geração de jovens no nosso país.

Com o presente trabalho que tem por título "**A Missão Suíça e a Educação Não Formal nas Comunidades Ronga 1930 – 1960 : O caso das "Mintlawá"**", pretendemos estudar, a essência dum modelo de educação que baseado na Igreja, e criado há pouco mais de meio século, contribuiu com mérito na educação e formação de muitos jovens. A nossa expectativa é que os ensinamentos e experiências deste modelo, possam ser reorientados e aproveitados em outras áreas no quadro de educação e formação da juventude, abrindo melhores perspectivas e possibilidades para o seu enquadramento sustentável na sociedade.

A nossa abordagem está dividida em quatro capítulos. O **I capítulo** foi dedicado à apresentação do fundamento sobre o objecto da nossa pesquisa, a *problemática e as hipóteses*; é um capítulo que visa demonstrar a visão e as expectativas sobre o nosso objecto de pesquisa. Na última parte do capítulo, fazemos uma resenha crítica a algumas das principais fontes em se que basearam a nossa pesquisa, para além de debruçarmo-nos sobre alguns conceitos. O **segundo capítulo** é dedicado à história da penetração das Igrejas protestantes embora numa abordagem direccionada para o entendimento da génese da implantação da Missão Suíça no Sul de Moçambique. Dada a especificidade do tema, a educação dos jovens Ronga, consideramos importante abordar neste capítulo, o espaço e os valores socio-culturais deste grupo tendo em conta o contacto com os valores imigrantes. Na última parte procuramos avaliar o tipo de relações entre a Missão Suíça e o potência colonial administradora do território e do poder instituído, para ver

até que ponto estas poderão ter influenciado o fenómeno em estudo. No **terceiro capítulo**, unidade central do tema, começamos com uma abordagem sumária sobre os mecanismos locais atinentes à educação tradicional dos jovens nas comunidades Tsonga onde se enquadra o grupo Ronga, porque consideramos importante dar uma imagem sobre o cenário encontrado pela Igreja no concernente à educação da juventude.

A abordagem das "Mintlawa", é feita em termos de permitir compreender toda a sua essência organizativa e funcional, aspectos que são tratados com alguma visão crítica, fruto da influência da análise de diversa informação recolhida de fontes diversas a que tivemos acesso.

As considerações finais foram reservadas para o **IV capítulo** constituindo a síntese do nosso posicionamento baseado na análise e cruzamento de factos, opiniões e experiências recolhidas das nossas fontes. Procuramos, neste capítulo, responder aos nossos pressupostos de partida e ao mesmo tempo construir um posicionamento sobre o papel e utilidade das "Mintlawa", objecto principal do nosso tema, numa perspectiva que procura criar uma ponte para futuras abordagens.

No final do trabalho consta a referência de toda a bibliografia e das fontes orais que directa ou indirectamente basearam a construção da nossa abordagem e argumento.

## SUMÁRIO

Ordem	TÍTULOS	PAG.
	<b>Declaração</b>	ii
	<b>Agradecimentos</b>	iii
	<b>Dedicatória</b>	iv
	<b>Resumo</b>	v
<b>I.</b>	<b>CAPÍTULO: Aspectos Introdutórios</b>	<b>2</b>
1.1.	Introdução	2
1.2.	Objectivos Gerais	5
1.2.1.	Objectivos Especificos	5
1.3.	Perguntas de Partida	5
1.4.	Hipóteses	6
1.5.	Problematização	7
1.6.	Revisão da Literatura	12
1.7.	Operacionalização de alguns Conceitos	16
<b>II</b>	<b>CAPÍTULO: A Penetração das Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique: a Missão Suíça</b>	<b>21</b>
2.1.	O Sul de Moçambique : a Geografia, a História, e as Características Sócio - Culturais das Comunidades Ronga.	21
2.1.1	A Localização Geográfica das Comunidades Ronga	21
2.1.2.	A História e as Características Sócio-Culturais das Comunidades Ronga	21
2.1.2.1.	Sobre as Comunidades Ronga	25
2.1.2.2	A influência dos Factores Migratórios na Sociedade e Cultura Ronga	29
2.2.	A História da Implantação das Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique	31
2.2.1.	A Fixação da Missão Suíça no Sul de Moçambique	34
2.3.	A Penetração Cristã, Comunidades Locais e o Tipo de Relações entre a Missão Suíça e o Estado Colonial	38
<b>III</b>	<b>CAPÍTULO: A Educação Não Formal: a Sociedade Tradicional as Iniciativas da Igreja a partir dos anos 1930: as "Mintlawa"</b>	<b>44</b>
3.1.	A Educação Tradicional nas Comunidades Ronga	44
3.2.	Educação Crista: as iniciativas da Missão Suíça	46
3.2.1.	A Situação antes de 1930	46
3.2.2.	A Emergência das "Mintlawa"	48
3.2.2.1.	O Que são as "Mintlawa" e quem podia fazer parte	52
3.2.2.2.	Estrutura Organizacional e Princípios de funcionamento das "Mintlawa".	54

3.2.2.2.1.	Estrutura Organizacional e Hierárquica das "Mintlawas".	55
3.2.2.2.2.	Princípios Básicos de Funcionamento dos Grupos	56
3.2.3.	A Educação Não Formal nas "Mintlawas" Programas e Tarefas	57
3.2.3.1	O Processo de Avaliação nas "Mintlawas"	64
IV	<b>CAPÍTULO: Considerações Finais</b>	<b>66</b>
	<b>Bibliografia</b>	<b>73</b>

## I CAPÍTULO

### Aspectos Introdutórios

#### 1.1. Introdução:

O presente trabalho que tem por título "A Missão Suíça e a Educação Não Formal nas Comunidades Ronga 1930 – 1960 : O caso das "Mintlawá" foi elaborado com vista ao cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em história.

A sua escolha resulta do cruzamento de vários interesses, que ultrapassam o mero exercício académico; de facto é nosso objectivo que este trabalho venha a constituir uma contribuição para o conhecimento da história social e cultural moçambicana, e muito em particular que possa vir a subsidiar o entendimento e reflexão sobre o papel e a importância da educação não formal no processo educativo, em especial na educação e formação dos jovens.

É nosso entendimento que a educação do indivíduo é um processo transversal e contínuo que compreende diversas etapas, decorrentes desde o seu nascimento até a sua morte, isto é, desde o primeiro contacto que este estabelece com o ambiente socio-cultural e natural circundante.

No processo educativo, não obstante o homem ser o principal agente e alvo do processo, nele interagem de forma objectiva vários factores ligados ao seu habitat, facto que influencia, e muitas vezes determina o tipo de integração e de conduta, que este vai assumir no grupo ou comunidade a que pertence.

É importante, ainda, destacar o lugar privilegiado dos pais e de certos membros da família pelo papel primário de mediação que desenvolvem na transmissão dos valores sócio-culturais aceites pelo grupo ou comunidade a que o indivíduo pertence, situação muito notória na fase de adolescência, e durante a juventude e cujos efeitos se vão reflectir aos longo das diferentes etapas da vida, onde interagem vários outros factores singulares e colectivos, ligados á família, comunidade, instituições como Escolas e Igrejas, entre outros, que permitem alargar a integração deste indivíduo para um universo social e cultural maior.

Na presente dissertação pretendemos analisar, sobretudo, o papel e o significado que a educação fora da escola, por muitos chamada de educação não

formal, pode desempenhar, como alternativa ou complemento da educação formal, nos grupos em idade escolar, adolescentes e jovens.

Para tal, tomaremos como referência ou estudo de caso o método educativo levado a cabo pela Missão Suíça, a nível das camadas jovens no Sul de Moçambique, muito particularmente nas comunidades Ronga, a partir dos anos 1930 e que ficou conhecido por método "Ntlawa"<sup>1</sup>. Neste estudo, procuraremos analisar não só os métodos e o significado do papel da Igreja, como também o papel da família e da comunidade.

Nestes termos, o trabalho desenvolvido pela igreja representa a parte central da nossa pesquisa, pelo que iremos dar maior destaque, aos mecanismos adoptados pela Missão Suíça, a partir dos princípios da década de 1930, com vista a educação dos jovens e que estiveram centrados no método "Ntlawa".

Considerando que a temática em análise se enquadra num período de grandes mutações na política colonial Portuguesa, onde tanto a Missão Suíça como a sociedade tradicional<sup>2</sup> local, representada neste trabalho pelas comunidades Ronga, não ficam a margem das influências resultantes das transformações políticas em curso, serão, também objecto da nossa análise, alguns aspectos sobre o processo de reforma, levada a cabo pelo Governo Colonial Português, no âmbito do Estado Novo, conhecido também por nacionalismo económico de Salazar, cujo impacto veio reflectir-se em áreas abrangidas pelo nosso tema, como são os casos da religião e da educação.

Devido ao facto de muitos dos aspectos tratados na presente dissertação serem comuns na grande parte das comunidades situadas na região sul de Moçambique onde habitam as comunidades Tsonga<sup>3</sup>, a selecção dos Ronga, foi feita para permitir a delimitação da nossa pesquisa, e como mero estudo de caso, com

<sup>1</sup> "Ntlawa" significa grupo na língua Tsonga

<sup>2</sup> Max Weber identificou três tipos de sociedade, aos quais corresponderiam três tipos de autoridade: a sociedade tradicional, a sociedade carismática, e a sociedade legal, racional ou burocrática. Na sociedade tradicional (a família, o clã e a sociedade medieval) predominariam características patriarcais e patrimonialistas; a autoridade neste tipo de sociedade provém da tradição e dos costumes, de forma que as pessoas aceitam o poder de alguns em razão da crença no passado, na justiça e na virtude do modo tradicional de agir, e no status conferido pela herança ou sucessão, (SOUZA, Renato Santo de. Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

<sup>3</sup> Fazem parte do grupo étnico Tsonga, os Ronga, os Shangana, e Tsuas (RITA-FERREIRA, A., 1982)

vista a servir de amostra do objecto principal deste estudo, a educação não formal dos jovens.

A abordagem das relações entre a Missão Suíça e o Estado colonial Português tem em vista, sobretudo, aclarar o tipo de convívio que norteou as relações entre ambos tomando em consideração os seus interesses manifestamente antagónicos, onde por parte da Igreja se vincava, a evangelização e um trabalho social dirigido para as comunidades locais com destaque para a educação e a saúde.

Por outro lado a administração colonial tinha na sua filosofia de actuação a criação de mecanismos que propiciassem a dominação e nacionalização da maioria negra, processo que passou pela limitação de direitos sociais e culturais básicos como escolarização, e uso de língua, evitando desta forma que estes pudessem, um dia, virem a assumir posições críticas contra o regime.

Na nossa análise iremos focalizar com maior destaque o período que vai de 1930 a 1960, porém para subsidiar o trabalho de factos que consideramos importantes para um melhor entendimento das características da sociedade e cultura Ronga e muito em particular dos seus usos e costumes, foi feita uma retrospectiva sumária, dos principais acontecimentos de períodos anteriores que consideramos terem relação ou interesse para o tema.

A escolha do período referido acima, não foi feita por mero acaso, a década trinta, não só representa o período de implantação das "Mintlawas" pela Missão Suíça, como também marca o início da última grande etapa do colonialismo Português em Moçambique, o Estado Novo.

Foi uma etapa marcada por importantes reformas, não só a nível da administração colonial, como também nos diferentes sectores da vida socio-económico e cultural, que tiveram uma influência profunda no quadro do relacionamento entre o estado colonial e as igrejas protestantes, assim como entre a metrópole e as colónias, com implicações profundas para vida social, económica e cultural dos moçambicanos.

O ano de 1960 abre uma década de importantes mudanças para a história colonial em Moçambique, a insurreição armada pela independência. Parte dos

jovens educados nas "Mintlawas" entre os quais Eduardo Mondlane<sup>4</sup> militam no movimento de libertação.

## **1.2. Objectivos Gerais:**

Analisar o papel e a contribuímos que a educação fora da escola pode desempenhar, paralelamente ou como complemento da Educação Formal ou ensino escolar, na busca de soluções alternativas que proporcionem uma educação e formação eficazes dos jovens com vista a sua integração sócio -cultural e profissional, dotando-os de condições e possibilidades para um futuro sustentável.

### **1.2.1. Objectivos Específicos:**

- Analisar até que ponto ou em que medida a penetração estrangeira terá transformado ou influenciado aspectos importantes da vida social e cultural Ronga muito em particular a educação tradicional local.
- Analisar as relações entre a Missão Suíça e o Estado colonial Português, e verificar até que ponto, as medidas adoptadas pela Administração colonial a partir dos anos trinta, poderão ter influenciado as iniciativas e o trabalho da Missão Suíça no campo de educação.
- Fazer um estudo sobre o significado e fundamentos do método "Ntlawa" adoptado pela Missão Suíça na educação dos jovens a partir de 1930, de modo avaliar a sua essência e impacto, e tirar ilações susceptíveis de serem aproveitadas na educação, organização e formação de jovens nos nossos dias.

## **1.3. Perguntas de Partida:**

- Que implicações teve a penetração estrangeira em especial a de carácter missionário, e colonial, na vida sócio-cultural Ronga muito em particular a nível dos mecanismos tradicionais de educação da juventude, na família e na comunidade?
- Até que ponto a educação não formal praticada pela Missão Suíça através das "Mintlawas" pode ser considerada como um suporte, e complemento

---

<sup>4</sup> Chitlango, filho de chefe, 1990

importante na educação exercida pela família, comunidade e em especial pelas escolas sobre a Juventude?

- Até que ponto podemos considerar que o trabalho da Missão Suíça, na área social, em especial na educação da juventude nativa, constituiu um obstáculo às estratégias de dominação e alienação cultural definidas pelo Estado colonial Português?

#### **1.4. Hipóteses:**

- a) Com o recrudescimento da penetração estrangeira, sobretudo, de carácter colonial e de carácter religioso, mais acentuada nos finais do Séc.XIX, as comunidades Ronga vão sofrer a nível socio-cultural irreversíveis transformações e mestiçagens frutos do processo de aculturação, facto que irá criar o desuso gradual de alguns valores típicos dos usos e costumes locais. Como consequência, uma cultura mista, afro – europeia, de assimilação e com grande influência urbana emerge pondo em causa o espaço e visibilidade da chamada sociedade tradicional em termos da afirmação dos seus usos e valores.
- b) A educação não formal, oferece múltiplas vantagens como alternativa ao ensino formal, uma vez que não só, pode ser direccionada para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do indivíduo, como também das suas habilidades no exercício de diferentes ofícios. Por outro lado na ENF<sup>5</sup> o indivíduo pode prolongar, sem limitações, a sua formação e capacitação ao longo da vida, em resposta a necessidades concretas de cada momento. A filosofia de funcionamento e de actuação das "Mintlawas" ao aliar a educação cristã, a moral-cívica e a semi-profissionalização baseados em princípios rígidos de organização, solidariedade e grande sentido de disciplina, revelou-se de grande potencial e utilidade ao construir nos jovens uma personalidade educada, integradora e orientada, dotando-os ao mesmo tempo de uma visão, construtiva, crítica e responsável face aos valores da família, comunidade, ensino e aprendizagem e demais factores do mundo circundante.

---

<sup>5</sup> Educação Não Formal

c) A criação das "Mintlawas", pela Missão Suíça, não obstante reflectir a dinâmica do crescimento e de adaptação desta Igreja no seu contacto com a realidade africana, constituiu uma alternativa para a sua expansão e sobrevivência face aos obstáculos criados pelo Estado Colonial Português e pela Igreja Católica a partir dos anos 1930. Por outro lado, os grandes progressos conseguidos pelas Igrejas protestantes, e muito em particular pela Missão Suíça, na sua intervenção em áreas sociais, e os métodos usados no trabalho com as comunidades, como é o caso da utilização da língua local, vão impulsionar de certa forma o ambiente de hostilidade e de confrontação socio-político que passou a caracterizar as relações entre a Missão Suíça e o Governo Colonial Português/Igreja Católica neste período.

### **1.5. Problematização:**

A desestruturação<sup>6</sup> social e cultural Ronga face aos factores de imigração ( (Nguni, Coloniais portugueses e Missionários ) e a construção de novos modelos de educação dos jovens, pela Missão Suíça, através das "Mintlawas", constituem as fronteiras temáticas da nossa abordagem que tem como foco principal o papel e a importância da educação não formal no processo educativo.

Os territórios Ronga, situados à volta da então Baía de Lourenço Marques, hoje Baía do Maputo, foram durante muitos séculos, com incidência para o período que decorre dos séculos XVI e XIX, palco de migração sistemática de povos, que com origem em diversas regiões, ou países, tinham a zona da baía como destino preferencial.

Entre os principais motivos destas migrações podemos destacar, o florescimento do comércio na região, o domínio de territórios, e processo de evangelização. Consideramos também importantes os movimentos sazonais de populações, que do interior emigram para o Sul, para fixação, prestação de

---

<sup>6</sup> BUTSELAAR, entrevistado em 1996, usa o termo desestruturação da sociedade, para descrever o ciclo de crise que a partir do Sec.XIX passa a caracterizar a vida das comunidades no sul de Moçambique e aponta as invasões Ngunis, a implantação de um estado militar na região, as guerras de sucessão, a consolidação do colonialismo, o fenómeno missionário, como elementos que vão marcar de forma profunda e continuada as formas de vida dos povos desta região.

serviços, ou em trânsito para os países vizinhos, para fugir ao pagamento de impostos, e devido as guerras inter-étnicas e de ocupação, ou unicamente a procura de melhores condições de vida.

Sem pretendermos debruçar-nos com profundidade sobre a dinâmica da cultura Ronga ao longo dos séculos, é nosso entendimento que, especialmente no período que mencionamos, a penetração e o cruzamento de diversas culturas, ligadas a povos de diversas origens, com a cultura local Ronga, provocou o desuso de muitas práticas dos usos e costumes locais.

De facto muitas práticas referenciadas nos estudos étnicos sobre este grupo, e que encontram o seu melhor tratamento e expressão na obra de Henri Alexandre Junod<sup>7</sup> deixaram gradualmente de ter visibilidade ou foram totalmente sufocadas com a assimilação de novos valores ao longo das gerações mais recentes.

Neste processo que podemos considerar de grande simbiose cultural<sup>8</sup>, não só interagiram aspectos típicos de aculturação<sup>9</sup>, por cruzamentos normal dos antropemas e dos etnemas<sup>10</sup> no quadro regular da dinâmica cultural, como também em muitos casos influíram acções conscientes de desculturação<sup>11</sup>, resultantes, sobretudo, do resfriamento da grande parte dos usos e costumes locais, por imposição e por assimilação de novos valores, acções levadas a cabo pelos grupos ideológica, ou politicamente dominantes<sup>12</sup>.

É importante observar que especialistas no estudo de povos do sul de Moçambique, com destaque para Henri. A. Junod, António Rita - Ferreira e Alf

---

<sup>7</sup> Este autor é até hoje, considerado a melhor referência sobre o estudo dos povos do Sul de Moçambique, tendo publicado diversas obras, com destaque para os dois tomos de "Os Usos e Costumes dos Bantu : A vida de uma tribo Sul Africana, 1947" reeditada várias vezes.

<sup>8</sup> Para Bernardo Bernardi, a simbiose cultural assinala-se pela coexistência ou convivência entre duas culturas, porém nem sempre as chamadas "subculturas" ou culturas primitivas perdem as suas características etnemas (LIMA, 1991. p.199)

<sup>9</sup> Na perspectiva antropológica, entende-se por aculturação ao "processo de contacto que implica uma imposição, no todo ou em parte, dos elementos de uma cultura sobre outra" ( LIMA, 1991. p.197 )

<sup>10</sup> Antropemas: expressões capilares da cultura, originadas pela intuição inventiva dum indivíduo, e que, portanto, se especificam como raízes da estrutura cultural ou social; são, nestes termos, os aspectos individuais de cultura (BERNARDI, 1974. p. 82-3); sobre os etnemas o mesmo autor considera serem os aspectos colectivos da cultura, relativos à comunidade (ethnos) e que resultam dos antropemas constituídos em estrutura, isto é, articulados entre si, sistematicamente (Bernardi, idem).

<sup>11</sup> A desculturação deverá ser entendida no presente contexto, na perspectiva negativa da dinâmica cultural, que em BERNARDI, c 1974. p.115 entende-se como a subtração e a destruição do património cultural, de um grupo, comunidade ou povo.

<sup>12</sup> Destaca-se neste grupo os colonizadores, e os missionários.

Helgesson, de diferentes formas convergem no reconhecimento ao facto de que grande parte das práticas representativas da cultura Tsonga, grupo que integra os Rongas, Shanganas e Tsuas, começou a entrar em desuso, mesmo antes da penetração estrangeira com carácter colonial e religioso.

Rita-Ferreira (1975) cita como exemplo o abandono da circuncisão pelos Ronga que se pressupõe ter ocorrido antes da fixação de "Soshangane ou Manucusse" rei Nguni e fundador do império de Gaza<sup>13</sup>.

Tendo em consideração a diversa informação que recolhemos das fontes consultadas nesta pesquisa, consideramos que a desagregação ou abandono, da prática generalizada, de grande parte dos usos e costumes que outrora caracterizavam a maioria das comunidades locais, ocorre de forma mais acentuada, a partir do Sec. XIX, período que sob ponto de vista socio-económico e político, é muito conturbado, devido aos grandes focos de conflitos, seca e fome, fenómenos de desestruturação que vão impor uma nova ordem com implicações profundas no *modus vivendi* das comunidades.

De facto, no Séc.XIX inicia um período de prolongado de desestruturação e reestruturação que impõem nos povos africanos locais uma nova ordem e novas formas de vida, devido, por um lado, ao declínio do poder político africano e à submissão das comunidades locais por forças estrangeiras com origem não africana, que adoptam uma política de segregação e de imposição de valores culturais, sobretudo europeus<sup>14</sup>.

Paralelamente, um outro fenómeno com implicações profundas na vida social e cultural local se desenvolve no mesmo período, a actividades missionária que vai simbolizar a colonização ideológica, e durante a qual são também introduzidas novas práticas e novos usos nas comunidades locais. Sobre este aspecto, *Butselaar entrevistado em 1996*, considera que os missionários influenciaram facilmente os valores culturais africanos porque, na sua optica, não rejeitaram de forma radical

<sup>13</sup> JUNOD (1975. p.77 ) fala de desaparecimento de instituições culturais fazendo referência, como exemplo, o desaparecimento dos ritos de iniciação Ronga em Moçambique.

<sup>14</sup> Para BUTSELAAR, entrevistado em 1996, a interferência cultural tanto foi feita pelo colonos como também pelos Missionário, só que estes últimos trouxeram hábitos que foram de certa forma encarados com agrado pelos nativos pelo que a sua absorção foi pacífica. Houve porém muitos aspectos de resistência como eram os casos de poligamia e lobolo que foram durante muitos anos tolerados pela Igreja.

todas as práticas e costumes dos africanos. Segundo ele o que era considerado positivo foi gradualmente integrado ou acomodado na actividade cristã, sendo de destacar a valorização da língua com a tradução de muitas obras incluindo a própria bíblia e vários catecismos para a língua local. Muitos outros costumes ligados a solidariedade, organização e disciplina colectiva, que de longe se sobrepunham ao individualismo europeu serviram de fonte de inspiração para o trabalho da igreja.

Sobre o mesmo aspecto, o *Pastor Oriente Sibane entrevistado em 1996*, fala mesmo de uma certa tolerância da Igreja para com a poligamia e o lobolo, que continuavam a ser praticados por muitos crentes da igreja durante os anos que se seguiram à penetração. Segundo ele, a Igreja se esforçava em ignorar, mas sem deixar de falar da sua oposição evitando assim criar situações de cisão, preferindo influenciar gradualmente a mudança da mentalidade dos crentes.

Nesta perspectiva constitui aspecto central da nossa abordagem, analisar e avaliar até que ponto, no entre cruzamento ou intercâmbio entre diversas culturas, poderão ser identificados e aproveitados, em benefício colectivo, os aspectos positivos na perspectiva de se encontrarem soluções adequadas às aspirações dos indivíduos, das famílias e da comunidade em geral, ao mesmo tempo que se valoriza e se enriquece a diversidade cultural respectiva.

Para a demonstração do nosso objecto, seleccionamos uma experiência do passado no quadro da educação não formal, que resultante de um fenómeno de inter cruzamento de valores locais e europeus, ocupou um lugar de destaque na vida das comunidades africanas.

Considerarmos que para a realidade moçambicana, onde a maioria da população, pelos mais variados factores ligados, sobretudo, à extrema pobreza, e que se reflectem na limitação das condições e possibilidades de acesso aos mecanismos básicos que permitem resolver as necessidades mais prementes da vida, um dos principais factores de por detrás deste cenário, é a deficiente participação das instituições educativas não formais<sup>15</sup>, que outrora

---

<sup>15</sup> A família, a comunidade e a igreja eram tidas como instituições pilares no complemento do processo de instrução oferecido pelas escolas, uma vez que competia a estas a educação moral e cívica do indivíduo, o que aliado a sua habilitação, lhe conferia uma personalidade e visão mais ajuizadas da vida e dos seus desafios.

complementavam o processo de instrução oferecido pela educação formal, sobretudo, aos indivíduos em idade escolar.

É nossa convicção que no cenário que descrevemos acima, a educação não formal é o campo que boas perspectivas pode oferecer, a muitas pessoas com condições e recursos limitados, por poder ser mais inclusivo, poder abarcar sem grandes restrições, não só jovens como qualquer indivíduo ou grupo independentemente da sua idade ou instrução.

A ENF para além de poder ocorrer sem exigir grandes investimentos em recursos, pode decorrer ao longo de toda a vida, isto é, poder ser renovada e adequada continuamente às necessidades e circunstâncias do momento.

A busca e demonstração de experiência concretas ou práticas levadas a cabo no passado, no campo de educação não formal, poderá subsidiar e contribuir, hoje, em diversos níveis dos sistemas ou programas educativos em Moçambique.

Foi para demonstração e materialização no terreno, do nosso estudo, que seleccionamos as "Mintlawas", método educativo não formal, direccionado para os jovens da Igreja; que baseado na liturgia, cânticos, jogos e ofícios consta como referência importantíssima na formação de alguns quadros moçambicanos que mais tarde, com incidência para os anos 60, abraçaram o movimento nacionalista, que conduziu à independência de Moçambique.

As "Mintlawas" foram criados pela Missão Suíça nos anos 30, contudo no nosso estudo procuramos integrar, desde os condicionamentos que conduziram a sua criação, a natureza e objectivos, o significado e as implicações sociais da sua ocorrência, de forma a melhor identificarmos e compreendermos de que modo este sistema educativo influenciou a vida das comunidades locais, e particularmente a educação da juventude.

Conforme fizemos notar nos parágrafos anteriores, através na abordagem do caso "Mintlawas" consideramos importante compreendermos o papel e o alcance que a educação não formal pode atingir, como contribuição e alternativa ao vazio, muitas das vezes deixado pelo ensino formal, devido a vários factores objectivos, decorrentes na sociedade, e que se reflectem negativamente na vida prática dos jovens, pela limitação ou mesmo incapacidade na busca de soluções adequadas para a sua integração efectiva na comunidade ou sociedade onde vivem.

Considerando que na criação das "Mintlawas" a Missão Suíça, procurou acomodar os aspectos positivos da cultura locais, incluímos na nossa abordagem, o relance retrospectivo e sumário dos principais aspectos que nos podem permitir consubstanciar, os diversos factores que envolveram a sociedade e a cultura Ronga e que de forma directa ou indirecta, se encontram integrados no tópico em tratamento.

Com este trabalho pretendemos, sobretudo, avaliar, por um lado, sobre até que ponto a intervenção ou o cruzamento de vários actores com interesses antagónicos, entre os quais a Igreja (Missão Suíça), o Estado colonial, e as comunidades locais, poderá ter alterado de forma profunda e irreversível o sistema de valores sob ponto de vista social, e cultural, nas comunidades Ronga.

Por outro lado, como objecto principal da nossa dissertação, pretendemos fazer um estudo sobre a natureza, significado e papel que as "Mintlawas" desempenharam, como alternativa adoptada pela Missão Suíça na Educação dos Jovens, a partir de 1930.

#### **1.6. Revisão da Literatura**

Na abordagem do presente tema, por se tratar de um estudo micro, com documentação específica limitada, recorreremos ao cruzamento de três grandes grupos de fontes, as primárias, constituídas fundamentalmente por documentação de arquivo e que tinha em vista a busca das evidências sobre o trabalho da Missão Suíça nas comunidades Ronga, em especial em Lourenço Marques; as fontes secundárias, que em função dos objectivos a atingir, foram agregadas, pelo menos, em três categorias principais:

As que consideramos de fontes de carácter teórico, que integram fundamentalmente obras de natureza sociológica e antropológica, que tinham em vista subsidiar o nosso trabalho de uma boa base teórica que permitisse a compreensão, interpretação dos diferentes conceitos e terminologia, como também confronta-los e relaciona-los com a série de fenómenos relativos ao tema, e que contribuíram bastante na construção do nosso argumento.

As fontes de natureza histórica, que integram, basicamente, livros ou monografia e revistas, versando sobre a história dos povos do sul de Moçambique,

e muito em particular sobre o sub - grupo Ronga, e que permitissem ao mesmo tempo, compreender o processo de penetração e actuação das Igrejas protestantes e em especial da Missão Suíça; as características das relações entre o Estado Colonial Português e as Igrejas Protestantes, muito em particular com a Missão Suíça.

O terceiro grupo abrange as fontes orais, e é constituído fundamentalmente por "estórias de vida"<sup>16</sup>, depoimentos prestados por diversas individualidades, ligadas à Missão Suíça, às comunidades Ronga ou outros indivíduos com conhecimento sobre factos importantes inerentes aos aspectos mais relevantes ou marcantes do nosso tema.

É importante destacar, antes, o facto de, no levantamento bibliográfico feito para a elaboração do presente tema, termos identificado, no período pós independência, a existência de estudos com informações importantes sobre a penetração e actuação das Igrejas protestantes no Sul de Moçambique, onde é feito um tratamento particular à Missão Suíça.

Nos períodos mais recentes um número considerável de historiadores, e outros investigadores da área de ciências sociais moçambicanos, têm escrito sobre as actividades das igrejas protestantes em Moçambique, sendo de realçar Teresa Cruz e Silva (2001) que apresenta-nos um estudo macro - analítico sobre as Igrejas Protestantes em particular sobre a Missão Suíça<sup>17</sup>.

Embora no geral todas as obras, tenham tido um importante contributo na abordagem dos diversos aspectos inerentes ao nosso tema, onde destacamos, a título de exemplo, o percurso da penetração e actuação protestante no Sul de Moçambique, os principais mecanismos que permitiram o enraizamento da Missão Suíça no território moçambicano, o sistemas de relações que envolveram esta intervenção nos diferentes períodos, desde a fase de penetração, fixação e expansão, conseguindo de certa forma demonstrar factualmente o grau da contribuição das Igrejas protestantes nas comunidades africanas locais, gostaríamos de fazer referência, com algum destaque, à obra de Jan Van

---

<sup>16</sup> Consideramos "estórias de vida" as narrações da vida de pessoas como foram feitas, oralmente pela própria pessoa (CRUZ e SILVA, 2001. p.30)

<sup>17</sup> Ver: Igrejas protestantes e consciência política no Sul de Moçambique: o caso da Missão Suíça (1930- 1974), 2001 citada na Bibliografia desta dissertação

BUTSELAAR (1987), que narra de forma substanciada os diferentes momentos do processo de penetração da Missão Suíça no Sul de Moçambique, com referência especial aos aspectos importantes da cultura Tsonga, a relação entre a Igreja Suíça e o governo colonial Português nas diferentes fases, para além da visão e dos mecanismos adoptados para a difusão da doutrina cristã particularmente em contacto com a diversidade de valores patente nas comunidades africanas locais. É uma obra que nos permite perceber, sobretudo, as particularidades de quase todos os intervenientes durante os primeiros anos de penetração, naquilo que poderíamos chamar, legitimando o título da obra, de cruzamento de valores e interesses, dos africanos, missionários e Portugueses. Adolphe LINDER (2001) com a obra *Os Suíços em Moçambique*, faz uma descrição estilo cronológica da presença Suíça em Moçambique, contemplando não só os missionários, como também outras áreas de intervenção elucidativas da presença Suíça no nosso país desde o século XVIII até aos nossos dias.

Esta obra constitui uma fonte ilustrada bastante valiosa, para além de poder subsidiar de cronologia os acontecimentos mais marcantes da presença Suíça e em particular da Missão Suíça em Moçambique.

Teresa CRUZ e SILVA (2001) é uma obra marcadamente analítica do trabalho da Missão Suíça em Moçambique e talvez das poucas obras contemporâneas nesta matéria, que nos conduz, de forma aprofundada à percepção e a identificação das possíveis linhas de entendimento, para uma avaliação das componentes sociológica e ideológica do trabalho das Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique durante o tempo colonial, vistas no período após a independência. Relativamente ao nosso tema, esta obra permite -nos desmistificar, a vários níveis, o significado e alcance dos métodos e mecanismos adoptados pela Missão Suíça, na Educação dos jovens, a partir dos anos 1930<sup>18</sup>, quer sob ponto de vista individual quer como perspectiva colectiva onde são notórias as implicações históricas resultantes deste fenómeno. Nesta obra, destaca-se também no campo da metodologia, na primeira parte da abordagem, uma valiosa contribuição sobre as

---

<sup>18</sup> Face aos obstáculos, resultantes da nova legislação colonial no ensino e na religião, muitas Missões Protestantes foram encerrados, a Missão Suíça recorreu, entre várias medidas alternativas, à educação informal dos jovens, em que as "Mintlawas" eram o método mais divulgado, não só na Missão Suíça como em várias outras Igrejas.

novas perspectivas de investigação, propostas por académicos, e cientistas sociais contemporâneos, como são os casos de Vail e White (1991), que destacam por exemplo, o valor da utilização de novas fontes como canções, poemas, e a música<sup>19</sup>.

Henri A. JUNOD (1996) é uma reedição da obra original de 1927-34 em dois tomos, feita pelo Arquivo Histórico de Moçambique; esta obra constituiu para nós uma fonte de consulta obrigatória, devido a abordagem que fizemos sobre sociedade e sobre a cultura Ronga, sub-grupo étnico da região Sul de Moçambique sobre o qual este autor é até hoje o maior investigador<sup>20</sup>.

Com a obra de Junod, é possível ter as informações escritas, mais remotas sobre os povos do Sul de Moçambique, ou que com eles mantiveram contactos, para além de dotar a pesquisa de informação e conhecimento mais rigoroso e de maior detalhe sobre os usos e costumes locais, seu fundamento na vida individual e na vida colectiva das respectivas comunidades.

A leitura de Junod, permite-nos perceber até que ponto a sociedade e as instituições culturais Ronga sofreram, em particular a nível dos seus usos e costumes, profundas e irreversíveis transformações, como resultado dos sistemáticos contactos com outros povos ocorridos ao longo dos séculos. Este facto conferiu ao nosso estudo, uma importância e responsabilidade acrescida na reapreciação dos valores da sociedade e da cultura local, que são característica nos anos mais recentes.

André Daniel CLERC (1963), é uma obra que versa fundamentalmente sobre natureza a filosofia e os mecanismos de funcionamento e actuação das "Mintlawa" tomando como amostra o trabalho destes grupos na Missão Suíça de Khovo onde o autor foi missionário, professor e precursor da iniciativa nos princípios dos anos 30. Com a obra de Clerc, não só foi-nos possível perceber a essência do método "Ntlawa", desde os aspectos relativos à formação e actuação dos grupos, trabalho dos instrutores, como também um entendimento sobre a componente pedagógica, sobre simbologia, acampamentos e jogos. Consideramos também importante o

<sup>19</sup> CRUZ e SILVA, 2001. p.29

<sup>20</sup> Os Ronga constituem um dos povos melhor estudados de Moçambique sob ponto de vista antropológico e linguístico. H.Alexandre Junod recolheu entre eles grande parte do material constante da sua célebre monografia etnográfica, RITA-FERREIRA, 1982. p.227

ambiente que a obra deixa, sobre o funcionamento real das "Mintlawá" assim como e sobretudo, a referência em língua local dos aspectos importantes relativos à vida e ao trabalho dos grupos.

A consulta de fontes orais, revelou de extrema importância ao nos ter permitido reduzir a distância entre o teórico baseado na literatura escrita e a prática resultante da experiência ou testemunho directo de alguns factos em abordagem. Foram seleccionados diferentes tipos de informantes, desde pessoas ligadas a igreja, sobretudo pastores e crentes; pessoas não cristãs mas pertencentes às linhagens Ronga; jovens; pessoas que viveram ou participaram nos processos ou fenómenos tratados no nosso tema ou com conhecimento de factos com este relacionados. Não obstante a entrega prévia do nosso questionário, a maior dificuldade foi sempre a falta de objectividade dos informantes mas que acabou dotando-nos de informação inédita de importante, para outras pesquisa daí o seu valor para conhecimento e preservação.

As fontes orais foram também importantes devido a limitação de fontes específicas, sobre o nosso tema,

Grande parte das fontes, que constam na nossa bibliografia, foi identificada nos seguintes acervos: Arquivo Histórico de Moçambique; Biblioteca da Faculdade de Letras da UEM; Centro dos Estudos Africanos - UEM; Departamento de Arqueologia e Antropologia da UEM; Centro de Documentação e Informação da Comissão Nacional para a UNESCO; Biblioteca da Missão Rikatla - Marracuene; para além de textos fornecidos, ou recomendados pelos Tutores.

### **1.7. Operacionalização de alguns conceitos**

Para a conceitualização do nosso trabalho recorremos e confrontamos, sobretudo, obras de pedagogia, de sociologia e de antropologia. Foram também consultadas algumas obras de referência como é o caso de dicionários de ciências sociais por considerarmos terem sido de grande utilidade, sob ponto de vista de perspectiva, pois melhor concentravam e reflectiam, na essência, a visão de diversos autores sobre os aspectos centrais tratados na nossa abordagem. Neste tópico, pretendemos debruçar-nos sobre alguns conceitos chaves do nosso

trabalho, porém muita terminologia, de importância menor, se encontra tratada em rodapé ao longo da nossa dissertação.

Educação<sup>21</sup>; de entre vários conceitos de educação, encontramos no *Professor Boléo (1964)*, o que melhor se adequa à perspectiva do nosso tema. Valorizamos o conceito social da educação que reserva à comunidade, o papel fundamental como impulsionadora da obra educativa, porém é no conceito geral que achamos encontrar a visão mais integradora, o *desenvolvimento da natureza humana – físico, intelectual e moral, pela influência interrelacionada dos ambientes físico e social*. Segundo o autor, o campo de abrangência da educação é muito vasto, e cobre não só a componente, intelectual, como também a componente física e moral do homem, ultrapassando desta forma o alcance da instrução. Importa, neste âmbito, clarificar que no objecto da nossa análise iremos privilegiar, sobretudo, os processos educativos fora da escola, que podem ser diferentes de instrução<sup>22</sup>, com vista, em última análise, verificarmos o alcance que os mecanismos adoptados pela sociedade através dos seus multi-sectores; ou instituições não formais, podem contribuir para formação do indivíduo ou mesmo para o reforço do próprio sistema de ensino formal.

No decorrer dos séculos os conceitos sobre educação foram por várias vezes reformulados mas raramente o seu objectivo central foi alterado, que é o de levar as crianças, os adolescentes e os jovens a formarem a sua personalidade dentro dos padrões, valores morais e espirituais defendidos ou aceites na sociedade onde vivem, fazer deles homens, e prepara-los para a vida; para *Golias (1993)* a educação tem em vista a integração pessoal, social e cultural do indivíduo num processo que este não só afirma a sua personalidade e identidade como também se enquadra no universo socio-cultural do seu grupo ou comunidade.

---

<sup>21</sup> Etimologicamente, educar vem de "educare" expressão verbal que em latim antigo significava alimento; a educação seria a acção sistemática exercida pelos adultos sobre as crianças e os adolescentes, no sentido de prepara-los para a vida. Uma alimentação ou assimilação de algo fornecido de fora (Serviços Sociais da U.L.M: Textos. p. 27 )

<sup>22</sup> Na obra de Boléo (1964) *Instrução* é entendida como conjunto de "métodos e processos definidos e adoptados sob directriz de uma instituição, em regra geral uma Escola, para consecução de certos fins -particulares, inteira ou em grande parte de intenção intelectual"

Todos estes esforços sobre o ideal educativo, encontram coesão em Platão, quando considera a educação como sendo o acto que visa "Dar ao corpo e à alma toda perfeição de que são susceptíveis"<sup>23</sup> pois neste conceito se reflecte todo o esforço sobre a formação integral pretendida pelos pedagogos.

Paralelamente, quando se aborda a questão da educação é importante notar que os processos educativos são acompanhados e influenciados pelo ambiente físico e social circundante, por um lado, e por outro observar que o acto de educar aparece sempre relacionado a uma acção exercida pelos adultos sobre indivíduos de grupos etários menores onde as crianças, os adolescentes e os jovens são o alvo principal.

Assim podemos entender que o acto de educar tem a ver com transferência de conhecimentos ou de valores genericamente aceites numa determinada sociedade, para indivíduos, normalmente pertencentes a grupos etários menores e em fase de integração<sup>24</sup>, como forma de prepara-los para os desafios da vida, preservando os valores e a unidade do grupo.

É importante, porém, observar que a educação propriamente dita, não ocorre num só sentido, isto é, o educando não tem um papel passivo no processo educativo, facto que faz do educador, neste caso o adulto, um simples mestre, um moderador ou um pedagogo num processo assente na formação da personalidade através do desenvolvimento de potencialidades, mediante um sistema intencional de meios, processos e de ideias (Pedagogia e didáctica, 1973). Sobre o papel do educador e o processo educativo muitos teóricos da educação, entre os quais E. Morrier, Platão, Herbert Spencer, convergem ao relacionarem a educação com a necessidade de descoberta da vocação e das habilidades do indivíduo através de um conjunto de esforços que ajudam o desenvolvimento das suas faculdades físicas intelectuais e morais, universalmente aceites (Pedagogia...op.cit.). Podemos por isso considerar que a educação visa acima de tudo, fazer do homem um ser portador de valores, tornando-o mais próximo da perfeição, nas práticas, nas

---

<sup>23</sup>(Serviços Sociais da ULM: textos. p.28)

<sup>24</sup> Incluímos neste grupo as crianças, os adolescentes e os jovens por considerarmos que ainda não dominam as práticas, e conhecimentos genericamente aceites pela sociedade onde se inserem, adquirindo este conhecimento através dos mecanismos formais e não formais existentes, onde os mais velhos são agentes promotores e mediadores.

atitudes, e no carácter, com vista o seu bom enquadramento na comunidade ou sociedade a que pertence.

Há <sup>um</sup> dois séculos<sup>4</sup>, DURKHEIM (1858-1917) estabelecia uma correlação íntima entre as doutrinas, os sistemas pedagógicos e a constituição da sociedade, defendendo na sua abordagem, ser a sociedade que impõe em cada momento da sua evolução os processos educativos, AZEVEDO (1963).

Dos muitos teóricos das ciências pedagógicas analisados na obra História da Educação (1964), reconhece-se a Platão<sup>25</sup> e a Aristóteles<sup>26</sup>, a posse de ideias pedagógicas consideradas de maior clareza.

Na nossa abordagem, entenda-se por educação não formal, "Qualquer actividade educacional sistematicamente planificada, organizada ou programada e levada a cabo de forma continuada, fora do sistema escolar formal, com vista transmitir ensinamentos seleccionados para grupos específicos da população, especialmente crianças fora de escola, jovens e adultos"<sup>27</sup>. É nesta perspectiva que consideramos enquadrar-se o objecto principal da nossa dissertação, a educação através das "Mintlawa" levada a cabo pela Missão Suíça a partir da década de 1930.

Nas sociedades africanas, a "educação tradicional" é tida como o conjunto de acções que dirigidas a indivíduos ou colectividades, e que têm em vista a transmissão de valores ligados aos usos e costumes das pessoas, famílias ou comunidades. A "educação"<sup>28</sup> ligada a "tradição", sugere-nos por consequência um processo educativo sobre aspectos relativos aos usos e costumes das pessoas tomando-se como base os valores das famílias, dos grupos, ou comunidades, isto é, educação com base nos valores tradicionais genericamente aceites.

<sup>25</sup> Platão (428/427-347 a.n.e.) filósofo idealista da antiga Grécia, defendia a concepção idealista do mundo e lutou activamente contra as teorias materialistas do seu tempo ( ROSENTAL, 1972. p.156-157)

<sup>26</sup> Aristóteles ( 384-322 a.n.e.) filósofo Grego, fundador da lógica como ciência, foi considerado por Marx, como o maior pensador da antiguidade, as suas ideias oscilavam entre o idealismo e o materialismo ( ROSENTAL, 1972. p.56-58 ). Segundo ele educação consiste em "pôr os nossos prazeres e dores no que importa pô-los" uma perspectiva assente na necessidade de reestruturação da natureza dos educandos de forma a atingirem o justo equilíbrio das coisas ( ver: Serviços Sociais da ULM: textos. p.28)

<sup>27</sup> (AFRIK, 1995. p. 31)

<sup>28</sup> O professor Emile Planchard, citado na obra, *Pedagogia e didáctica*, 1973. p.28, define a educação como sendo uma "actividade sistemática exercida pelos adultos sobre as crianças e os adolescentes, principalmente afim de os preparar para a vida num meio determinado"

Considerando que tradição se define como sendo "o conjunto de ideias, sentimentos, de hábitos, costumes e aptidões transmitidas de geração em geração aos membros duma sociedade humana" (GOLIAS, 1993: 11) poderemos entender como "educação tradicional", a todo o processo de ensino e aprendizagem que baseado na família e na comunidade, procura levar o indivíduo a assimilar e praticar os valores aceites pela comunidade onde está inserido, tornando possível a sua integração social e cultural.

Na perspectiva do nosso trabalho a percepção dos contornos e do alcance da "educação tradicional" visa, sobretudo, identificar elementos positivos susceptíveis de serem, integrados, ou recomendados no quadro da educação formal, com vista ao reforço e melhoramento da educação nos mais variados níveis, e em particular atenção para a educação de adolescentes e jovens. Conforme constatamos na primeira parte da nossa abordagem, a preparação do indivíduo para os grandes desafios da vida constitui um dos principais objectivos da educação em qualquer sociedade quer na sua forma geral, quer na sua forma mais restrita. É neste contexto que é usual falar-se de endocultura e do ensino.

Entenda-se como nível endocultural aquele que compreende todo um processo de aprendizagem em que se prepara o indivíduo para que ocupe o seu lugar como membro adulto na sociedade a que pertence. Em muitas sociedades consideradas agrafas <sup>29</sup> este processo decorre até à puberdade nas moças e um pouco mais nos rapazes.

Por ensino pretende-se referir a educação na sua forma restrita, em que o processo de aprendizagem se efectua em tempos específicos e em lugares apropriados fora de casa, dirigido por pessoas especialmente preparadas para essa tarefa.

Na nossa abordagem iremos debruçar-nos sobre a primeira forma de educação na qual será tratada em duas perspectivas, a primeira sob ponto de vista da sociedade tradicional, a segunda sob ponto de vista da Igreja (Missão Suíça) através do trabalho desenvolvido com as "Mintlawas".

---

<sup>29</sup>Refere-se aqui às sociedades sem escrita.

## II CAPÍTULO

### A PENETRAÇÃO DAS IGREJAS PROTESTANTES NO SUL DE MOÇAMBIQUE:

#### a Missão Suíça

#### 2.1. O Sul de Moçambique: a Geografia, a História e as Características Sócio – culturais dos Povos ou Comunidades Ronga

##### 2.1.1. A Localização Geográfica das Comunidades Ronga

A região Sul de Moçambique compreende os territórios situados entre-os-rios Save, a norte, e Ponta de Ouro, no extremo mais a Sul e abarca as actuais províncias de Inhambane, Gaza e Maputo. Segundo H. A. Junod<sup>30</sup> (1996) na sua abordagem sobre a tribo tsonga<sup>31</sup>, esta compreende populações de origem bantu estabelecidas na costa oriental da África do Sul desde as proximidades da baía Santa Lúcia, na costa do Natal até ao Rio Save, mais a norte já no território moçambicano.

##### 2.1.2. A História e as Características Sócio-Culturais das Comunidades Tsonga

A origem dos povos que habitam esta região continua até aos nossos dias a constituir matéria pouco esclarecida mas segundo Rita-Ferreira (1958) é quase certo que muito antes da penetração colonial em Moçambique, a partir do século XVI e das invasões Nguni no século XIX, os Tsongas, os Bitongas e os Chopes constituíam os três grupos mais representativos, sendo os Tsongas<sup>32</sup> o grupo maioritário e os outros dois mais antigos.

As comunidades Tsonga, tal como grande parte dos povos da região Austral de África, são de origem bantu e tem na criação de gado e na agricultura as suas actividades principais de auto-sustento.

O traço mais característico da religião tradicional Tsonga é o culto dos antepassados; estes ganham o estatuto divino depois da morte, passando, nas

---

<sup>30</sup>Missionário Suíço que no consenso de vários autores, melhores estudos fez sobre os povos da região Sul de Moçambique e muito particularmente o grupo Tsonga.

<sup>31</sup> Segundo ( RITA-FERREIRA, op. Cit. p44-5) as palavras Tsonga, Tonga e Ronga assim como outras similares, tinham inicialmente um significado geográfico e eram usadas por povos do oeste, para designar todos os que se situavam a este.

<sup>32</sup> Os Tsongas são identificados como as comunidades de origem banta estabelecidas na costa oriental da África desde as proximidades da Baía de Santa Lúcia na costa oriental do Natal até ao Rio Save, JUNOD (1974) , no território moçambicano este grupo pode ser identificado nas três províncias a sul e nos antigos territórios da Companhia de Moçambique ( Províncias de Manica e Sofala ).

línguas locais, a serem designados por Xikwembu, Junod<sup>33</sup> descreve o lugar e a função destes cultos de "Ancestralidade" <sup>34</sup>. Os Rituais têm também papel importante na sociedade tradicional Tsonga, por ser neles em que se processa o apelo aos antepassados sobre as preocupações e ansiedades da família e da comunidade, porém o sucesso agrícola, as questões ligadas a morte e a estabilidade, ocupam nestes rituais um lugar privilegiado.

Os Tsonga são facilmente distinguidos pela grande homogeneidade cultural e linguística que caracteriza as comunidades integrantes do grupo. Segundo Rita – Ferreira <sup>35</sup>, no território moçambicano é possível identificar três grandes sub-grupos de origem Tsonga: um meridional (no sul) que representa as comunidades (famílias) Ronga residentes a volta da Baía de Lourenço Marques (actual Baía do Maputo), um central constituído pelas comunidades ou famílias Changanas e localizadas nas terras da província de Gaza, e um grupo setentrional (ao norte) representando as comunidades Tswas (Tsuas) localizadas na Província de Inhambane.

Os Tsongas aparecem também representados em pequenos focos nos territórios que vão do sul da Baía do Maputo até a Baía de Santa Lúcia ( Africa do Sul ) e nos territórios da então companhia de Moçambique (actuais províncias de Manica e Sofala) e em alguns estados da região que fazem fronteira com Moçambique.

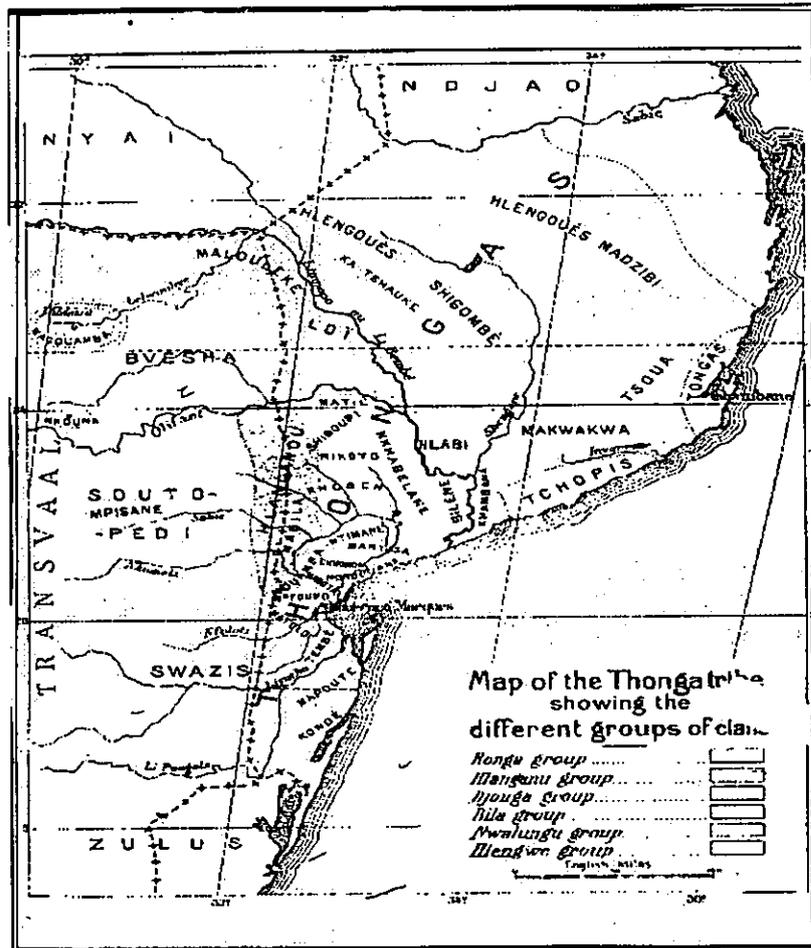
---

<sup>33</sup> Citado por BUTSELAAR, 1987. p.10.

<sup>34</sup> Os Xikwembu são, segundo a tradição Tsonga, localizados em locais como florestas sagradas, cemitérios do grupo ou da família, e são mais temidos que o próprio Deus (Hosi) pois estes influenciam directamente a vida da família ou das comunidades trazendo o bem ou mal. O contacto com os antepassados é feito através de assadas de animais domésticos e selvagens, conchas e pedras, que têm a designação de "Tinhlo" e que segundo a tradição reflectem diversos atributos do homem como armas ( conflitos ), luto, felicidade etc.

<sup>35</sup> RITA - FERREIRA, 1958. p.27.

MAPA GENÉRICO DO GRUPO TSONGA (THONGA)  
SUL DE MOÇAMBIQUE



A volta da Baía de Lourenço Marques é possível observar Parte das comunidades Ronga, designados com os seus nomes originais em transcrição francesa, com destaque para:

- Mapoute ( Maputo )
- Tembé ( Tembe )
- Mpfumo ( Fumo )
- Matolo ( Matola )
- Mabota ( Mahota )

Fonte: Junod, 1996:53

(Traduzido de Junod, 1898)



A fixação dos Tsonga no território moçambicano, terá ocorrido séculos antes da fixação dos Portugueses<sup>36</sup>, resultando no suplante de povos mais antigos, dos quais os Chopes e os Bitongas<sup>37</sup> são sobreviventes.

Ainda segundo H. A. Junod (1996) não existem informações de que os Tsonga tenham alguma vez representado uma nação, encontrando-se desde os tempos mais remotos, espalhados em muitos estados da região. Sobre a sua designação não existe também consenso, defendendo-se, por um lado, a versão de o nome ser de origem zulo pelas afinidades que existem com o termo Ronga que significa oriente e que designa as comunidades que habitam a volta da Baía do Maputo ( então Lourenço Marques ).

### **2.1.2.1. Sobre as Comunidades Ronga**

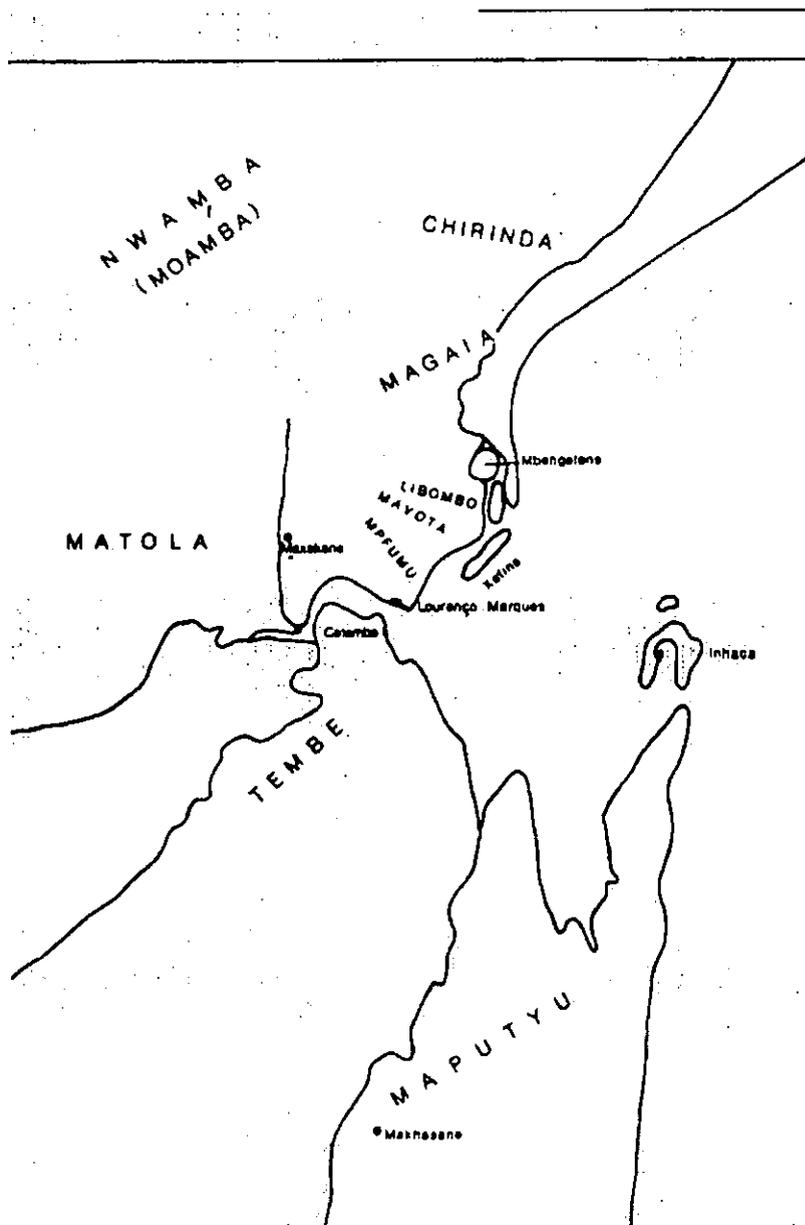
Rongas, é a designação dada às comunidades situada às volta da então De lagoa bay, Baía Espírito Santo, mais tarde Baía de Lourenço Marques ( hoje Baía do Maputo ). De acordo com dados de Junod (1996), os Ronga subdividem-se nomeadamente pelas seguintes comunidades ou grupos, os Mafumos ou Zihlahla, Matola, Tembe, e suas duas subdivisões Matutuine e Maputo, os Mavota, Magaia ou *Nonduane*, Chirinda e Manhiça.

---

<sup>36</sup> Cerca de 1554, o Português Perestrello que escalou Delagoa Bay (L.Marques, hoje Baía do Maputo ) faz referência sobre a existência a volta da Baía de Pequenos reinos Tsonga governados por chefes de nome Tembe, Mpfumu, Manhiça, e Libombo ( BUTSELAAR, 1987. p. 7. )

<sup>37</sup> Os Chopes podem ser identificados em grande escala na província de Inhambane ( Destricto de Inharrime ) e em pequena escala na província de Gaza; enquanto que os Bitongas situam quase que exclusivamente na costa oriental da província de Inhambane ( Massinga, Morrumbene, Maxixe e Inhambane ).

Comunidades Rongas à volta da Baía de Lourenço Marques (hoje Cidade do Maputo)



Fonte: *As guerras dos reis Vátuas*, 1986.

Mapa indicativo da disposição dos Reinos africanos Ronga, à volta da Baía de Lourenço Marques ( Delagoa Bay ) hoje Cidade do Maputo. Esta é a situação encontrada pelos missionários protestante nos finais do séc. XIX. A redacção dos nomes varia de autor para autor.

Durante muitos séculos, com destaque para o período que vai do século XVI a XIX, estes reinos intercalam a hegemonia, baseada no controlo do comércio de marfim, ambar e missangas sendo de destacar, o domínio dos Nyaka (Inhaca) no século XVI<sup>38</sup>, dos Tembe no século XVII-XVIII, e mais tarde dos Mabudo/Maputo como resultado dum claro domínio sobre os Tembe. As presenças Holandesa (1721-1730) e Austríaca ( 1777 – 1781 ) ( SOUTO, 1996 : 57) vão influenciar em grande medida as relações entre estes pequenos reinos que procuram cada um em seu proveito, tirar ganhos da presença Europeia, hostilizando ao mesmo tempo os reinos rivais.

Tanto a presença Holandesa como a Austríaca, tiveram a sua influência no ordenamento político destes reinos, situação que prevaleceu durante a presença Portuguesa (1782-1796) país que aspirava dominar o comércio de toda a região.

Outros reinos se revelaram entre os Rongas, como é o caso dos Moambas, que durante a retirada Portuguesa durante quase três anos, dominaram, nos princípios do século XIX os Matola, Chirinda, Mabote e Magaias.

Autores como Alan Smith defendem que o comércio, em especial o de marfim, constituiu, durante séculos, o centro das relações inter-étnicas envolvendo, quer as comunidades Ronga à volta da baía quer Europeus, quer mais tarde, povos vindos do interior. O monopólio do comércio junto da baía de L.Marques, foi decisivo na motivação da expansão militarista Nguni<sup>39</sup>.

De facto, o século XIX viria a ser dramático para grande parte dos reinos africanos situados na região Sul de Moçambique, e tudo terá iniciado cerca de 1821 quando exércitos com origem na costa leste do Natal se movem em massa para o norte, mais concretamente, para o sul de Moçambique, fugidos da dominação do reino Zulu no âmbito do Mfecane<sup>40</sup>, são os Nguni que têm como líder Soshangane ou Manicussi.

---

<sup>38</sup>O declínio dos Nyaka, deveu-se fundamentalmente à disputas internas entre os dois principais reinos, os Machavanes e Nyaka ( SOUTO, 1996. p.56 )

<sup>39</sup> (RITA-FERREIRA, 1982. p.226)

<sup>40</sup>Para David Hedges,o reino Zulo resultou de circunstâncias revolucionárias ocorridas no início do século XIX e cujas revolucionárias consequências levaram à migração Nguni. Ao fenómeno Mfecane se liga uma grande revolução ligada a grandes figuras e a importantes inivações no campo militar tendo como centro a figura de Shaka Zulu (SOUTO, 1996. p.63).

O Mfecane nasce do cruzamento de vários fenómenos de crise que marcam a Zululândia nos primórdios do século XIX, o aumento populacional no final do século XVIII e as conseqüentes disputas de acesso à terra, a emergência de conflitos inter-étnicos pelo controle de recursos, a crise ecológica ligada à seca e a conseqüente fome, a emergência de ligações comerciais entre o Natal e a Baía Espírito Santo e a luta pelo seu controlo. Todos estes factores vão impulsionar ao longo do século XIX, o início de um movimento populacional com características militares, jamais visto na região e que irá alterar de forma definitiva o ordenamento socio-político da região, dando origem a novos e grandes centros de poder económico e político-militar.

Neste âmbito podemos identificar os seguintes grandes centros de poder que se vão balançar permanentemente, o Estado de Gaza, recém-criado nas terras próximo do Limpopo, os Portugueses circunscritos em Lourenço Marques mas com muita influência sobre os reinos Ronga à volta da Baía, que ficam, simultaneamente, reféns da tributação Zulu<sup>41</sup>, por um lado e da interferência Portuguesa, por outro.

Neste período vamos observar, a existência quase que simbólica dos reinos Africanos à volta da baía, cativos entre o domínio Europeu, Swasi e Zulu. Contrastando com as comunidades do grupo Tsonga residentes a norte do rio Limpopo, os Rongas, não sofreram uma ocupação territorial e domínio político directo no quadro das invasões Nguni<sup>42</sup> nem fizeram parte do grande estado de Gaza, ficando, gradualmente, sob influência e domínio directo das autoridades Portuguesas estabelecidas em L. Marques (hoje Maputo).<sup>43</sup>

<sup>41</sup> Em 1824, Shaka tinha estendido o seu poder para Maputo, Tembe, como também a Matola (SOUTO, 1996. p. 57)

<sup>42</sup> As invasões Nguni ocorrem no século XIX, período em que ocupam território do sudeste da Africa Austral, entre St. John e os Estados Tsonga da Baía de L. Marques.

<sup>43</sup> A dominação Portuguesa sobre os Rongas é reforçada com o conflito entre as culturas Tsonga e Zulu, que tem a sua maior expressão com a morte de Soshangane (Manucussi 1858). Neste contexto Muzila, filho primogénio da primeira Mulher de Soshangane, tinha segundo a tradição Tsonga direito de sucessão ao trono, enquanto que para a contra parte Zulo, Mawewe, filho varão mais velho da mulher cujo dote foi pago por toda a comunidade é que tinha primazia na sucessão. Depois das guerras sangrentas, a vitória de Muzila foi possível com o grande auxílio dos Portugueses, mas em troca o rei Nguni teve de renunciar a soberania de Gaza sobre os territórios situados ao sul do rio Inkomati.

### 2.1.2.2. A influencia dos factores migratórios na sociedade e Cultura Ronga

Como foi possível constatar a abordagem acima, as comunidades Ronga foram, durante longos períodos, alvos de uma série de ocorrências de grande impacto social e cultural, que se prolongaram até aos anos mais recentes, influenciando, a vários níveis, as formas de vida neste grupo.

Tal como na grande parte dos povos do Sul de Moçambique, a criação de gado<sup>44</sup> e o comércio constituíam, durante vários séculos, as principais actividades masculinas nas quais se envolviam os jovens Ronga. Na tenra adolescência, começam com o gado caprino e mais tarde ascendem a pequenos pastores do gado bovino, antes de se fazerem verdadeiros homens. Segundo *Junod (1996)* a pastagem de gado era uma verdadeira escola de vida, com importância vital na iniciação dos jovens, nela havia não só regras próprias, como também uma diversidade de jogos, e a disciplina era imposta por uma série de sanções rigorosas aplicadas pelos adultos ou pelos rapazes mais velhos. Com o abandono das escolas formais de iniciação ligados à circuncisão, era neste ambiente que se moldavam os futuros homens Ronga.

As invasões Nguni no século XIX, consequência imediata do fenómeno "Mfecane", vão alterar de forma drástica a história dos povos que habitam o Sul de Moçambique, e de forma indirecta as comunidades Ronga<sup>45</sup>. Sobre o fenómeno Nguni, *David Hedges*<sup>46</sup>, considera que ele resulta de circunstâncias revolucionárias ocorridas no sec. XIX e cujas revolucionárias consequências levaram às migrações Nguni, tratou-se de uma revolução ligada a inovações guerreiras de armamento, de tácticas militares e organização que tinha como centro Chaka Zulu; foi para fugir a dominação de Chaka que os Nguni se movem para os territórios do Sul de Moçambique.

Com a fixação Nguni na região Sul, as grandes manadas de gado desapareceram, e consigo os pequenos pastores que gradualmente, ou emigram para fugir à tropa e aos impostos, ou procuram se adaptar a outras actividades.

<sup>44</sup>É importante notar, que o gado bovino era escasso relativamente ao caprino, entre as comunidades Ronga (JUNOD, 1996. p.51 )

<sup>45</sup>De salientar que as comunidades Rongas não foram directamente submetidas pelos reinos Nguni, que se fixaram mais para o norte do Rio Inkomati, porém por muitos anos viram os seus territórios sistematicamente invadidos e tributados ( RITA-FERREIRA, 1982 ).

<sup>46</sup> ( SOUTO, 1996. p. 63)

De facto, todas as unidades dos chefes Nguni que assolam as comunidades a Sul de Moçambique, tinham um carácter militar, não promoviam a actividade agrícola, aspiravam o controlo do comércio, tributação das chefacturas locais, e eram grandes predadores do gado, devido a sua natureza sazonal. As comunidades Ronga, não sofreram uma dominação directa Nguni mas grande parte dos reinos à volta da baía foram tributários de chefes Zulus em troca da sua independência.

A limitação da influência Nguni nas Comunidades Ronga à volta da Baía de Lourenço Marques, é contrabalançada pela crescente presença e dominação Europeia, muito em particular Portuguesa na região. Os portugueses não procuram dominar só o comércio da Baía, como também foram impondo um sistema de tributação aos reinos à volta da Baía, muitas vezes, como gratidão pelo apoio militar prestado, nas guerras e rivalidades entre os reinos vizinhos.

O grande passo para a dominação dos reinos da Baía pelos Portugueses, foi dado com o acordo entre os Portugueses e o triunfante Muzila<sup>47</sup> facto que ditou a renúncia pelos Estado de Gaza, de todos os territórios a Sul do Rio Limpopo como reconhecimento ao apoio por estes prestado na Guerra contra o seu irmão Mawewe.

Sob ponto de vista cultural a presença Portuguesa na região foi desde cedo, de distanciamento relativamente às práticas costumeiras locais, tomando em consideração que o empreendimento civilizador que movia os portugueses dificilmente poderia acomodar posições que pudessem reflectir um reconhecimento, legitimação ou valorização da cultura local, pelo que desde cedo assiste-se à sua marginalização, sonegação e ao combate à sua manifestação ou prática, embora com alguma tolerância em casos de cerimónias.

Os valores costumeiros locais mais expressivos são interpretados e conotados com atitudes pagãs. Neste âmbito, vai-se adoptando uma política de desmotivação e de resfriamento dos valores culturais locais, num processo acompanhado pela imposição gradual da cultura portuguesa aos nativos. Ao longo

---

<sup>47</sup>Depois da morte de Sochangana ( Manucusse) em 11 de Outubro de 1858 um grande conflicto de sucessão vai eclodir, opondo dois irmão herdeiros no Estado de Gaza, Mawewe, filho da esposa de origem Nguni ( dinastia Dlamini da Swazilandia ) cujo dote fora pago com as contribuições feitas pelo povo devia, segundo a lei Nguni ser o herdeiro, enquanto que para os Tsonga, Muzila, filho da primeira mulher com dote pago pelo pai, era o herdeiro legítimo ( PÉLISSIER, 2000. p.195 )

de vários anos, diversa legislação foi sendo promulgada e acomodada nas posturas oficiais coloniais de momento, sendo por consequência aplicada como instrumento de dominação e colonização ideológica dos nativos.

A penetração estrangeira teve paralelamente a sua face religiosa e missionária, movida sobretudo pelas Igrejas protestantes que proliferam nos países vizinhos, em especial na África do Sul, e cuja actuação tem um grande impacto no Sul de Moçambique. De facto paralelamente aos conflitos inter-étnicos que ocorrem no século XIX, e das ambições cada vez maiores dos Portugueses, o fenómeno religioso começa a marcar, também, importantes passos na vida dos nativos no Sul de Moçambique, e no interesse do nosso tema destacamos particularmente a Missão Suíça que terá o seu aprofundamento nos capítulos seguintes.

Vistos estes aspectos podemos observar que a situação criada pelos movimentos migratórios contínuos, que foram assolando o Sul de Moçambique, sobretudo, entre os séculos XVI e XIX e que continuaram nos períodos seguintes, deixaram na região um cenário sombrio de sonegação de vários valores dos usos e costumes locais, com implicações profundas nos mecanismos tradicionais de educação dos jovens. Com efeito, muitos jovens trocam o pasto<sup>48</sup> pela emigração fugindo a guerra e os impostos, ou em busca de melhores alternativas de vida na cidade, nas plantações e mais tarde nas minas Sul- Africanas;

## **2.2. A história da Implantação das Igrejas Protestantes no Sul de Moçambique**

O século XIX foi um período rico em transformações de dimensão universal; os grandes avanços resultantes do processo de industrialização, resultaram gradualmente na globalização da economia a nível mundial marcando o apogeu da Revolução Industrial na sua fase Monopolista. No cenário internacional ressalta, neste período, a expansão da rede dos transportes e das comunicações, facto que

---

<sup>48</sup> De facto muitos adolescentes jovens do Sul de Moçambique, transitavam da pastagem do gado caprino para o bovino à medida que iam crescendo, num ambiente que contribuía para a sua maturidade e visão sobre as responsabilidades da vida.

facilita o intercâmbio entre países não só a nível da Europa como também com os outros continentes, até os pontos mais recônditos da África, Ásia e Novo Mundo<sup>49</sup>.

As novas descobertas atizam ainda mais a curiosidade do homem da época, em todos os quadrantes, económico, político, e sócio - religioso.

O comércio livre nas principais rotas de comércio em África, a abolição da escravatura, a ocupação efectiva e a delimitação de fronteiras<sup>50</sup>, acontecimentos resultantes do desfecho do encontro de Berlim (1884-1885) foram completados pela Liberdade Religiosa em todos os território sob tutela das potências representadas e signatária do tratado, facto que beneficiou em grande medida o trabalho das Igrejas Protestantes.

Embora os contactos com África tivessem já iniciado foi depois da Conferência de Berlim que as Igrejas protestantes passaram a ter maior espaço de manobra e os seus missionários começaram a escalar e a evangelizar sem grandes restrições nos territórios sob influência das velhas potências católicas, incluindo as possessões Portuguesas.

Os primeiros sinais de presença protestante no Sul de Moçambique remontam, a um período muito anterior à Conferência de Berlim, cerca da primeira metade do século XIX, na década de 1820<sup>51</sup>. Em 1823 Owen, um capitão da marinha Britânica, deixou nas margens da Katembe William Threlfall membro da Sociedade Missionária Wesleyana<sup>52</sup>. Mais tarde (1879) missionários da American Board of Commissioners for Foreign Missions – ABCFM estabelecida na Zululândia envia uma delegação<sup>53</sup> ao monarca Nguni Muzila, num processo que levaria a criação de uma Missão em Inhambane afim de facilitar a penetração para o interior.

<sup>49</sup> Designação dada ao continente americano no período dos "descobrimentos"

<sup>50</sup> Algumas medidas da carta de Berlim sobre a Partilha de África.

<sup>51</sup> AZEVEDO, 1991. p. 101

<sup>52</sup> Segundo BUTSELAAR, (1958, p. 16) este Missionário veio a morrer de malária e a sua obra não foi continuada pelos Wesleyanos.

<sup>53</sup> Segundo Butselaar (op.cit.) o primeiro expedicionário foi M. Pinkerton que morreu durante a viagem em 1880 e o Segundo tinha o nome de E.H. Richards ( futuro apóstolo de Inhambane ) e visita a corte de Muzila em 1881 que satisfeito solicita o envio para o seu reino de cinco famílias missionárias. Devido a falta de gente, não foi possível satisfazer este desejo, mas em contra partida foi aberta uma Missão em Inhambane.

Na primeira fase de fixação das Igrejas protestantes no território moçambicano, o processo teve uma face africana, marcada pelos emigrantes que regressam evangelizados das minas e transmitem a boa nova nos seus territórios de origem<sup>54</sup>. De facto muitos Moçambicanos que durante vários anos haviam se deslocado e permanecido, sobretudo, nas plantações e minas da África do Sul, beneficiam de formação religiosa, em Missões protestantes espalhadas pelo território Sul- Africano <sup>55</sup>.

O trabalho bem sucedido dos missionários negros e a sua aceitação nos reinos africanos locais é que vai catalizar o início, do que alguns consideram, de missionação propriamente dita, e que se materializa com a chega de missionários de origem Europeia. Um aspecto de destaque nos dois momentos é o cruzamento e gemelagem entre valores africanos e europeus. O momento da chamada missionação propriamente dita<sup>56</sup> assume, na sua primeira fase, uma atitude selectiva e de censura relativamente a actuação dos missionários de origem africana, sobretudo, pela sua tolerância relativamente a algumas práticas dos usos e costumes locais considerados imorais e inaceitáveis pela Igreja<sup>57</sup> como eram o caso da poligamia, lobolo e consumo de bebidas alcoólicas, práticas generalizadas entre grande parte da população da região.

A actividade protestante entre as comunidades africanas vai passar, em algumas fases, por momentos de relativa crise de relações, tal como aconteceu depois da morte de Muzila (1884) e a consequente subida ao trono do seu filho Ngungunhane. O monarca Nguni estava sob influência dos missionários católicos presentes na sua corte, e gradualmente foi se criando o ambiente propício para os primeiros sinais de hostilidade entre protestantes e católico, que desde o início

---

<sup>54</sup>Muitos destes regressados, fundam igrejas próprias ou separadas que ficaram a nível local ( GONÇALVES, 1960. p.115).

<sup>55</sup>Gonçalves ( 1960 ) destaca, entre várias a Igreja Reformada Holandesa.

<sup>56</sup>A referência mais antiga de presença missionária protestante no Sul de Moçambique, consta ser da Junta Americana que em 1879, responsabiliza E.H.Richards a estender a Missão Zulu para o território de Gaza que leva à criação da Igreja Metodista Episcopal em 1883 em Cambine, no mesmo ano é criada a Missão Metodista Episcopal ( GONÇALVES, 1960. p.117-118)

<sup>57</sup> De salientar que tanto os missionários como o colonialismo, constam entre os principais agentes de aculturação, até hoje conhecidos, operando quer sobre os antropemas quer sobre os etnemas, transformações profundas e permanentes pois ambos visam contactos permanentes sobre os indivíduos e sobre as instituições ( Bernardi, 1974 )

nunca viam com bons olhos a evangelização das comunidades nativas pelas Igrejas Protestantes.

No contexto do nosso tema, o cristianismo africano pode ser simbolizado por Yosefa Mhalmhala, que evangelizado e formado na África do Sul pela Missão Suíça, foi um dos precursores da criação das Missões Presbiterianas em Moçambique, podendo-se destacar também Robert Mashaba, que regressado da África do Sul, se tornou representante em Lourenço Marques da Igreja Wesleyan Methodist Church of South Africa ( HELGESSON, 1991: 194 ).

Durante este longo período, as Igrejas e ceitas Religiosas multiplicam-se, podendo-se destacar os exemplos da "Igreja Metodista Episcopal" estabelecida em Cambine (Inhambane) em 1890 e reconhecida oficialmente em 1909, a Igreja Anglicana ( Diocese dos Libombos ) em 1893 que funda as missões do Chamanculo ( Lourenço Marques ) de Maciene ( Gaza ) e mais tarde no Lago Niassa ( regiões de Likoma e Messumba )<sup>58</sup>.

### **2.2.1 A Fixação da Missão Suíça no Sul de Moçambique**

Conforme pudemos referir, nos capítulos introdutórios do nosso trabalho, a abordagem da Missão Suíça, revela-se de importância estratégica, devido a vários factores; o primeiro dos quais assenta na a sua grande implantação na Região sul de Moçambique durante o período em estudo, e pela importância e dimensão que esta Igreja deu à educação dos Jovens de origem africana desde os primeiros anos da sua fixação, com recurso a vários métodos, que iam desde a criação das Patrulhas<sup>59</sup> ou "Nhlengueletanu" transformados mais tarde em "Mintlawas", a partir dos anos trinta.

A história da implantação da Missão Suíça em Moçambique remota da segunda metade do século XIX e tem como berço Spelonken (região central de Zoutpansberg no Estado do Transvaal). Nesta região viviam as tribos Venda e Tsonga, esta última constituída maioritariamente por emigrantes Moçambicanos na África do Sul e que tinham em João Albasiné (cidadão de Português de ascendência Italiana) como o chefe reconhecido.

<sup>58</sup> Ver Cruz e Silva, in: Estudos Moçambicanos n.10, 1992. pp.22-23. Pode ser também consultado AZEVEDO, 1991. p.101-102.

<sup>59</sup> Benjamin Chisumba, entrevistado em 17.02.06, considera que a conotação político militar do termo Patrulha, terá contribuído para a sua alteração, numa perspectiva de se evitar conflitos com as autoridades.

Os conflitos religiosos que assolam a Europa e os Estados Unidos como continuidade do movimento de reforma, são realidade também a Suíça Romande. Neste âmbito conflitos ocorrem fora do controlo da Igreja oficial mas em momentos de agudização, o seu efeito se reflecte no seio desta ditando várias rupturas ( a ruptura na Igreja Nacional do Cantão de Vaud foi o primeiro grande sinal desta crise ). As medidas de contenção adoptada pela Igreja Nacional alimentavam ainda mais o desejo por uma Igreja Livre<sup>60</sup>; vai ser neste contexto de conflito que dois missionários protestantes Suíços, Ernest Creux e Paul Berthoud<sup>61</sup> vão ter a afirmação das suas ideias religiosas assentes na necessidade de separação entre a Igreja e o Estado.

Este espírito de despertar e de liberdade, embora cultivado dentro duma teologia e visão individualista<sup>62</sup>, vai sofrer uma viragem, no contacto com as sociedades africanas banto cuja vivência está assentes em princípios colectivistas e de solidariedade. Os dois missionários chegam a Africa Austral (Lesotho) nos finais de 1872<sup>63</sup>, e nos primeiros contactos com tribos africanas mantém boas relações com os Tsonga chefiados por João Albasine, e fundam cerca de 1875<sup>64</sup> a Valdezia, e poucos anos depois a estação de Elim, ambos em território Sul Africano -República Boer do Transvaal.

Estas duas Estações viriam a constituir o pólo de expansão das Igrejas protestantes para o Sul de Moçambique e o berço de formação dos pioneiros africanos da evangelização, os irmãos Yosefa<sup>65</sup> e Yacob Mhalthala (BUTSELAAR, 1987: 33). O primeiro contacto entre Yosefa e a sua terra de origem ocorre cerca de 1880 e 1881<sup>66</sup> quando procura localizar e contactar seus familiares na região de Marracuene e durante a

<sup>60</sup> Segundo BUTSELAAR, 1987. p 25, a base teológica da Igreja Livre foi estabelecida no séc.XIX por Alexandre Vinet, grande teólogo Suíço, partidário de um individualismo extremado e grandemente influenciado por homens como Rousseau e John Locke; para Vinet a Igreja comporta dois principais aspectos: o visível ( que abrange todos os filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo ) e o invisível ( que não é senão uma associação de crentes, organizados como qualquer outra sociedade secular ). Este último aspecto vai opor radicalmente a eclisilogia católica.

<sup>61</sup>Foi o primeiro missionário Suíço em Mocambique em 14.05.1847, viveu em Ricatla entre 1887-1894 e em L.Marques 1896-1903 (entre 1894 e 1896 esteve de férias na Suíça) LINDER, 2001. p.163-164

<sup>62</sup>As linhas teológicas de Creux e Berthoud foram estabelecidas pelo teólogo e individualista Suíço do Sec.XIX Alexandre Vinet (BUTSELAAR, 1987. p.26)

<sup>63</sup>Idem, p.31

<sup>64</sup>Idem

<sup>65</sup>Yosefa Mhalthala viria a ser o primeiro missionário negro enviado para junto dos Tsongas de Mocambique; segundo BUTSELAAR, 1987. p.35, era filho de um refugiado Tsonga dos Khosa, residentes a norte do rio Nkomati que se refugiara no Splelonken fugindo as invasões Nguni, cerca de 1830 e mais tarde das guerras de sucessão, cerca de 1860.

<sup>66</sup>LINDER, 2001. p.118

qual teve a possibilidade de comunicar com vários habitantes da região e anunciado a boa nova sobre o evangelho. O sucesso das deslocações de Yosefa às terras Tsonga, valeram-lhe por parte dos missionários Suíços, não só formação como também mais Missões e mais responsabilidades, tendo se fixado junto do reino de Magude onde durante o reinado deste, desempenhou a sua missão com muita aceitação e protecção. A intronização de Ngungunhane, Agosto de 1884<sup>67</sup>, para rei de Gaza, veio a marcar a crise para o trabalho do evangelista que viu a sua missão dificultada, facto que o leva a emigrar para a região mais para o oriente onde funda a Missão de "Antioca"<sup>68</sup>. Mais tarde, parentes de Yosefa, Lois Xintomane, Eliachib Mandlakusasa e Ruti Holene fundam a 25 Km de L. Marques, a estação de "Ricatta".

**Rede Missionária Suíça na Africa do Sul  
( Destaque para as Estações Missionárias no Sul de Moçambique )**



Fonte: Chitlango, filho de chefe, 1990

Centro de Expansão da Missão Suíça para o Sul de Moçambique	Estações Missionárias Suíças no Sul de Moçambique (Vista Parcial)
Valdézia ( 1875 ) Elim ( 1879 )	Ricatta ( 1887 ); L. Marques ( 1889 ); Antioca ( 1890 ); Tembe ( 1898 ); Matutuine ( 1902 ); Chicumbane ( 1908 ); Chichongui ( 1911 ); Manziri ( 1920 ); Mapolane ( 1920 ); Guijá ( 1921 ); Manjakaze ( 1921 );

<sup>67</sup>LINDER, 2001. p.119

<sup>68</sup>Segundo LINDER, p.119 Yosefa tinha um grande prestígio em quase toda a região e não só recebeu visitas dos missionários Suíços com Henry Berthoud, como o seu trabalho foi expandido pelos seus baptizados e familiares, para outras regiões dos Tsonga, como é o caso de Ricatta.

O primeiro missionário Suíço a fixar-se entre os Tsonga foi Paul Berthoud, casada com a irmã de Henri Alexandre Junod, de nome Ruth (LINDER, p.120). Chegou a L.Marques (Centro de Khovo) a 5 de Julho de 1887 e foram recebidos, entre outros cristãos locais, por Yosefa Mhalmhala. Com a chegada de Berthoud, Ricatla tornou-se um importante centro cristão da região onde se tratavam e ensinavam todos os assuntos sobre Igreja, porém a igreja crescia a ritmo mais acelerado na zona urbana de L.Marques como se pode observar pelos dados fornecidos pelo autor;

Segundo Linder, em 1890 havia cerca de 725 cristãos, baptizados, e catequistas; entre os quais contavam-se 641 em L.Marques e Tembe, 65 em Ricatla e Mecana, e 19 em Antioca.

A expansão da Igreja pelas terras Tsonga e muito em particular pelas comunidades Ronga, depois de Antioca, Ricatla e Lourenco Marques, foi se extentendo a outras comunidades com destaque para Tembe (1898), Matutuine (1902). O trabalho de evangelização estava intimamente aliado a outras actividades sociais importantes como a saude e a educação; deste modo a expansão da actividades missionária significou paralelamente a expansão de rede escolar, junto das Missões, assim como de Postos de Saude em todos os locais onde existiam estações missionárias. Dr Georges Liengme<sup>69</sup> fundamenta esta dimensão do trabalho social da Igreja nos seguintes termos "O objectivo de toda a actividade missionária, não pode ser discutido: dar a conhecer o reino de Deus entre todos os povos da terra. Os meios tem de se adequar ao objectivo...independentemente dos meios utilizados, sejam eles a evangelização, ensino, trabalho social ou medicina. ...nenhuma destas actividades cumpre as ordens de Cristo melhor que curar os feridos.... A missão médica é uma necessidade e um dever mesmo para todas a s sociedades missionárias. ...".

Paralelamente ao processo de evangelização, a Missão Suíça vai desenvolver uma actividade social de grande relevo tendo a educação e a saude como principais pilares.

---

<sup>69</sup>LINDER, 2001. p.126-127

## **2.2.2. A Penetração Cristã, Comunidades Locais e o Tipo de Relações entre a Missão Suíça e o Estado Colonial**

Para melhor compreendermos o tipo de relações existentes entre as Igrejas protestantes e em particular, entre a Missão Suíça e o Estado Colonial Português/Igreja Católica, no período em estudo, consideramos importante analisar os interesses, particularmente de carácter socio-económico e político, que moviam cada um actores, assim como a natureza de relações que cada um mantinha com as comunidades locais de origem africana.

Com este tipo de análise acreditamos poderemos identificar os principais mecanismos de intervenção adoptados pelos intervenientes e que poderão ter condicionado ou influenciado o seu comportamento assim como o relacionamento entre si.

Relativamente ao Estado Colonial Português, Mondlane na sua obra "lutar por Moçambique, 1995"<sup>70</sup>, em citação, transcreve o seguinte texto que consideramos elucidativo, sobre as posições e os interesses do governo português em relação às comunidades africanas: "Tentamos atingir a população nativa em extensão e profundidade para os ensinar a ler, escrever e contar, não para fazer "doutores" (...). Educa-los e instrui-los de modo a fazer deles prisioneiros da terra e protegê-los da atracção das cidades, o caminho que os missionários católicos escolheram com devoção e coragem, o caminho do bom senso e da segurança política e social para a província (...) as escolas são necessárias, sim, mas escolas onde ensinemos aos nativos o caminho da dignidade humana e a grandeza da nação que os protege"<sup>71</sup>.

Os acontecimentos que se seguiram ao golpe de Estado de 1926 (28 de Maio)<sup>72</sup>, e que ditaram a subida ao poder de um partido católico, marcaram de forma dramática o posicionamento e o relacionamento dos diferentes actores com interesses nas colónias Portuguesas em África, e Moçambique não foi uma excepção. De facto no período que se seguiu ao Golpe militar, importante

---

<sup>70</sup> MONDLANE, 1995. p. 56

<sup>71</sup> A leitura de FERREIRA, (1977) leva-nos a concluir que os trechos de texto citados em (Mondlane, op.cit.) sejam do Patriarca de Lisboa, constantes numa das suas mensagens de Natal (sem menção do ano)

<sup>72</sup> FERREIRA, 1977. p. 70

legislação foi entrando gradualmente em vigor definindo um novo tipo de actuação, onde por um lado temos a Estado colonial e a Igreja Católica, e no lado antagónico, as Igrejas Protestantes.

Neste novo cenário já não temos as Missões laicas, também conhecidas por "Missões Civilizadoras"<sup>73</sup>, banidas no quadro das primeiras medidas do pós golpe, tendo o seu papel sido legado às Missões Católicas.

Entre as medidas mais marcantes decretadas nos anos que se seguiram ao Golpe militar podemos destacar; o banimento por Decreto, em Dezembro de 1926, das Missões Laicas, até então responsáveis pelos assuntos como a educação dos indígenas; o Decreto do Novo Código do Trabalho em 1928; o Acto Colonial em 1930, a promulgação em 1933, da nova Constituição para Moçambique, acompanhada da Carta Organânica do Império Colonial e da Reforma Administrativa Ultramarina (CRUZ e SILVA, 2001: 71-73) ; com o presente processo de reforma legislativa o governo colonial Português havia accionado os mecanismos e instrumentos legais necessários para o controlo e imposição dos seus interesses nas colónias<sup>74</sup>, de modo a coloca-las integralmente ao serviço da burguesia Portuguesa.

É importante referir que todo este aparato legislativo, foi meticulosamente desenhado de forma a controlar, não só a mão de obra nativa, mas também sufocar e submeter os adversários do regime que legalmente não podiam ser eliminados, como se podia fazer com as Companhias Magestáticas, e no topo destes adversários estavam as Igrejas Protestantes e em particular as suas Missões amplamente expandidas pelo território colonial.

---

<sup>73</sup> Foram criados no âmbito da legislação de 1913 como medida para um trabalho mais eficaz com os africanos, mas que com o tempo se revelaram um fracasso, por falta de financiamento (FERREIRA, 1977. p. 65 )

<sup>74</sup> Carta Orgânica Imperial (Decreto Lei 23:228 ) de 1933; Reforma Administrativa do Ultramar ( Decreto Lei 23:229) de 1933, informação legislativa citada por CRUZ e SILVA, 2001, p. 71

Missões Estrangeiras e Estatísticas das Estações Missionárias do Distrito de L.Marques<sup>75</sup>

DISTRICTOS	MIS	NR DE MISSOES	P. A. S. O. S.	SEDE	T. O. A. L.	T. O. A. L.	G. A. Z. A. C. U. E. N. E.	M. A. R. H. I. C. A.	M. A. B. I. U. D. E. O.	M. A. P. U. T. O. E.	B. I. L. E. N. O. E.	M. U. C. H. O. P. E. S.	C. H. I. B. U. T. O.	G. U. J. A.			
L. MARQUES	SOMA Romande	6	1	Suíça	L.Marques	420	373	67	33	17	15	33	71	30	57	42	8
						138	137	12	22	17	7	14	16	22	14	6	7
	Weslevana Metodista	1		Inolesa	L.Marques	96	96	22	9	-	-	19	46	-	-	-	-
	Baptista	1		Escandinavi	L.Marques	22	22	4	-	-	2	-	-	2	3	10	1
	Nazarena	1		Americana	Muchopes	42	42	7	-	-	-	-	-	-	23	12	-
	Holiness	1		Inglesa	Chibuto	15	13	-	-	-	-	-	-	-	5	8	-
	Anglicana	1		Inglesa	Chãmancul	107	63	22	2	-	6	-	9	1	17	6	-

Fonte: Anuário Estatístico de 1930

Em termos de implantação, a Missão Suíça encontrava-se melhor expandida nas comunidades Ronga relativamente a outras Igrejas

A Missão Suíça era para muitos a mais incómoda e inconveniente de todas, devido ao perfil de quadros que tinha nas suas fileiras, pois militavam muitos missionários com formação superior<sup>76</sup>. A esta política de Reforma instaurada pelo Estado Novo, foi sendo instaurada ao longo de vários anos, sobretudo até a década de 1960, e em vários sectores socio-económicos e ficou conhecida por nacionalismo económico de Salazar<sup>77</sup>.

Paralelamente a estas medidas é importante chamar atenção ao ambiente de crise e de hostilidade internacional que pairam sobre Portugal no período de advento do nacionalismo económico; é uma conjuntura marcada, por um lado pelos efeitos da crise económica mundial (1929-1933) e, por outro, pelo impacto dos resultados do relatório da Comissão de Educação Africana ( 1924 ) nas colónias

<sup>75</sup> Actuais Provincias de Maputo(2) e Gaza

<sup>76</sup> André Clerc, por exemplo era licenciado em Direito ( Rev. Marcos Macamo, op.cit.) e com postura suficiente para lidar com a lei vigente e emitir opiniões publicamente aceites.

<sup>77</sup> A grande essência desta política era maximizar a contribuição das colónias e coloca-las integralmente ao serviço de Portugal, a través do incremento das relações económicas. Entre as grandes medidas tomadas, destaca-se a abolição das Companhias Magestáticas, a instauração do Trabalho Forçado, e as reformas na Educação e na Religião, tendo sido atribuídas maiores responsabilidades à Igreja Católica.

Portuguêsas, desenvolvido com apoio do Phelps-Stokes Fund e das Sociedades Missionárias Estrangeiras da América do Norte e da Europa. Merece também destaque o relatório Ross (1925)<sup>78</sup>. Ambos relatórios, eram muito desfavoráveis a situação existente nas colónias Portuguesas, devido ao tratamento dado a maioria da população negra, considerando haver uma espécie de escravatura basea nos trabalhos forçados, situação agravada pelo grande atraso no sistema de ensino dos nativos, nas colónias Portuguesas, comparativamente à situação nas colónias de outros países, para além de de ter sido constatada a existência de uma clara discriminação, pelo Estado, das Missões Estrangeiras (FERREIRA, 1977: 70).

No caso específico do relatório Ross, este foi veiculado numa reunião da Sociedade das Noções em Genebra, sem o conhecimento das autoridades Portuguesas, facto que viria a ser muito mal acolhido e mal interpretado pelo Governo o que agravou a sua antipatia pela presença e atuação das Igrejas e Missões estrangeiras nos seus domínios ultramarinos<sup>79</sup>.

Na citação que transcrevemos anteriormente, é clarividente, a perspectiva de cidadania pretendida pelo governo colonial Português para os nativos africanos, e que justificou toda a série dos mecanismos adoptados para consegui-lo. Foi com base na utilização das máquinas do ensino e da religião assim como o trabalho forçado, que o processo de "desnacionalização", aculturação e integração coerciva dos nativos na sociedade e cultura Portuguesas, foi posto em marcha.

Na grande parte dos textos legislativos portugueses, consultados é notável a incapacidade da potência colonial em reconhecer nos nativos uma série de potencialidades incluindo a posse de cultura ou de uma identidade cultural própria, pelo que muitos aspectos relativos, por exemplo aos usos e costumes locais como os rituais, eram banalizados e muitas vezes conotados com práticas pagãs e por consequência combatidos. Este posicionamento encontra eco em muitos textos da

---

<sup>78</sup> Segundo Liesegang, citado por LINDER, 2001. p. 147, Ross, cidadão de origem Americana havia viajado pelas colónias Portuguesas entre 1925 e 1927 observando e questionando vários nativos, pastores, evangelistas e cidadãos brancos; os resultados deste trabalho teriam sem o conhecimento das autoridades Portuguesas, sido veiculados numa sessão da reunião geral da Sociedade das Noções que decorria em Genebra na Suíça chamando atenção geral da opinião pública do mundo sobre o que se passava nas colónias Portuguesas em Africa; abrindo assim uma pagina de grandes desavenças no relacionamento com todas as missões estrangeiras não Portuguesas.

<sup>79</sup> Jovens padres portugueses são chamados à voluntariarem-se para as colónias para estancarem a expansão das Missões estrangeiras (LINDER, 2001. p.147)

legislação Portuguesa, por exemplo a utilização de terminologia como "...escolas onde ensinemos os nativos o caminho da dignidade humana..." que transcrevemos anteriormente, demonstra claramente a visão e a interpretação que se tinha sobre os valores e as práticas dos nativos.

O grande actor neste período passa sem dúvidas a ser a Igreja Católica, pois é esta que passa a assumir a liderança na máquina educativa num processo acompanhado da criação de todos os mecanismos de controlo e de instrumentalização da mente dos nativos, sendo por isso um dos principais agentes para a materialização dos objectivos acima referidos. Neste contexto, o ensino da população nativa ou "indígena" passa a estar virado para a condução desta, de um estado considerado "primitivo" para a condição "civilizada" de modo a torna-la eficaz na prestação dos serviços necessários aos interesses coloniais e de um modo particular, viabilizar a sua fácil integração na sociedade Portuguesa<sup>80</sup>.

Entre as medidas adoptadas nos primeiros anos da reforma, importa fazer referência as que mais influíram ou se revelaram de maior impacto nas áreas da Educação e da Religião, considerando ser nestas áreas onde a Igreja protestante, muito em particularmente a Missão Suíça teve o seu maior envolvimento.

A promulgação do Código sobre o Trabalho Indígena em 1928, ajustada para Moçambique em 1930, obrigava os nativos a permanecerem e a trabalharem a sua própria terra, era um mecanismo eficaz de tributação e de imposição do trabalho forçado como se veio a verificar nos anos subsequentes<sup>81</sup>, a legislação de 1929 sobre a educação e a religião, limita as possibilidades de acesso dos nativos no ensino com a redução da idade escolar de 7 para 14 anos, no atinente a religião é penalizadora para as igrejas protestantes com a introdução de pre-condições bastante rigorosas para as infra-estruturas escolares, o Acto Colonial (1930), integrado na Constituição Portuguesa em 1933<sup>82</sup>, criavam uma base sólida de peracionalização da máquina colonial da metrópole sobre as colónias do ultramar<sup>83</sup>.

---

<sup>80</sup> FERREIRA, 1977. p. 71, ver também T. CRUZ e SILVA, 2001. p.73

<sup>81</sup> NEWITT, 1997. p.407-412

<sup>82</sup> Segundo esta Constituição, " constitui o principal tributo da nação portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar os domínios ultramarinos e civilizar as populações indígenas que neles habitam, bem como exercer a influência moral que lhes é atribuída pelo Padroado no Oriente " (NEWITT, 1997. p.391)

<sup>83</sup> (CRUZ e SILVA, 2001. p.71)

Quadro comparativo da presença de Missionário Suíços em Moçambique  
Antes e depois do Estado Novo

Profissão	1887 - 1930	1931 - 1961
Pastores	31	08
Médicos	06	03
Enfermeiros	24	23
Educadores/Professores	22	13
Operários/Técnicos	04	03
Evangelistas	01	00
Administração	02	02
Agrónomos	01	00
Esposas	46	17
Total	138	69

*Um dos maiores impactos das medidas adoptadas após 1926, foi a redução da presença missionária. Depois da implantação do novo governo em Portugal, esta redução chegou a atingir os 50% entre 1930-1960, facto que reflecte o tipo de política adoptada pelo governo colonial relativamente às actividades estrangeiras não Portuguesas no território colonial*

Fonte: Linder, 2001:166

Por outro lado é importante observar que na filosofia de trabalho das Igrejas protestantes, para além da actividade religiosa e da intervenção em áreas sociais chave como a educação e a saúde, tinham na sua estratégia um elemento chave para a sua actuação, o conhecimento e utilização das linguas locais.

O uso da lingua local facilitava o rápido enraizamento das missões protestantes sobretudo nas zonas rurais e periféricas das cidades, colocando-as em vantagem em relação aos seus concorrentes católicos.

Para o governo colonial português a obrigatoriedade de utilização da lingua portuguesa tinha uma importancia estratégica para o processo de nacionalização e integração cultural dos nativos<sup>84</sup>, por um lado, mas também constituia um mecanismo de combate, de hostilização e de submissão das Igrejas protestantes e das missões católicas não Portuguesas<sup>85</sup>, que haviam ganho até então um grande enraizamento e credibilidade em áreas sociais consideradas chave, como a educação, facto encarado como um entrave para o processo de construção e legitimação da nação e identidade portuguesa que se pretendia para todos os domínios coloniais.

<sup>84</sup> Um Decreto aprovado em 1921, pelo governo Português, proibia o emprego de linguas africanas nas escolas excepto no ensino da religião ou na aprendizagem primária da lingua portuguesa; as principais vítimas desta medida foram sem dúvidas as missões estrangeiras não católicas e em especial as missões protestantes, que privilegiavam a utilização das linguas locais (FERREIRA, 1977. p.68-69)

<sup>85</sup> Os efeitos negativos desta política, foram confirmados no relatório da Comissão de Educação Africana, depois de visitas feitas a Angola (1921) e Moçambique (1924) (FERREIRA, 1977. p.70)

### III CAPÍTULO

#### A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: A SOCIEDADE TRADICIONAL E AS INICIATIVAS DE EDUCAÇÃO DA IGREJA A PARTIR DOS ANOS 1930: AS " MINTLAWA "

##### 3.1. A Educação Tradicional nas Comunidades Ronga

A educação tradicional dos jovens nas comunidades Ronga, enquadra-se nos moldes descritos sobre a educação dos jovens no grupo genérico Tsonga do Sul de Moçambique e que encontra em Henri A. Junod o seu principal investigador. Este autor constitui a nossa principal fonte na abordagem do presente tópico da nossa dissertação.

No período abrangido pelo nosso estudo, a educação tradicional dos jovens nas comunidades Ronga, contrariamente a outros grupos étnicos onde se praticam os ritos de iniciação, nestas a educação da juventude confunde-se com o enquadramento gradual dos jovens nas principais actividades colectivas de auto-sustento das famílias, a pastorícia, caça para os rapazes, e a agricultura e os trabalhos domésticos para as raparigas. Segundo Junod (1996) entre os 3 e 14 anos a criança praticamente não beneficia de nenhuma educação, desenvolvendo – se segundo a lei da natureza. Os jogos, o roubo e a aprendizagem da ciência do mato constam também como parte dos momentos importantes do processo de educação da juventude nestas comunidades, porém não ocorrem de forma dirigida ou formal mas como experiência a adquirir gradualmente num processo de partilha natural ou de convívio entre os membros do grupo unidos pela actividade que pode ser pastoril ou agrícola<sup>86</sup>.

A circuncisão<sup>87</sup> embora largamente praticada entre as comunidades Tsonga incluindo os Ronga, consta ter sido abandonada há muitos séculos. A primeira menstruação, para as raparigas, marca a transição para a vida adulta, porém sem nenhum ritual especial. Sobre este aspecto Honwana, entrevistada em 1999,

---

<sup>86</sup> A leitura de Chitlango (1990) demonstra que a actividade pastoril nos anos mais recentes tendia a iniciar muito mais cedo com a pastagem pelos jovens do gado caprino.

<sup>87</sup> Junod, contudo considera que o rito de circuncisão entre os Tsonga, terá sido abandonado há mais de um século, muito antes das invasões Nguni (JUNOD, 1917. p.85). De destacar que os Ngunis não eram favoráveis a esta prática devido a incompatibilidade com o seu carácter militar.

considera que a jovem normalmente refugia-se em casa de uma tia, no caso das comunidades rurais ou é lhe simplesmente dita que é crescimento.

Estes fenómenos ocorrem normalmente entre os 12 e 14 anos para ambos os sexos e geralmente em todo o período antecedente os adolescente não têm qualquer significado sexual para os adultos vivendo normalmente com as mães ou com as avós onde levam uma vida de certo ponto liberal (Junod, 1917: 77).

Sobre este aspecto a experiência oral demonstra que, a partir dos 6 e 7 anos inicia gradualmente a divisão de tarefas por sexo, com as raparigas a dedicarem-se mais às actividades domésticas ou caseiras junto das mães e os rapazes a serem direccionados para as actividades auxiliares masculinas junto dos pais ou outros parentes de sexo masculino, sendo especialmente o pasto de cabritos e em alguns casos com carneiros à mistura)<sup>88</sup>.

Conforme referenciamos, devido as suas características, actividade pastoril se associa a algumas actividades secundárias como a caça, roubo, aprendizagem da ciência do mato e aos jogos tradicionais que são bastantes diversificados entre as comunidades Tsonga e em quase todas as comunidades da região Sul de Moçambique<sup>89</sup>.

A vida dos jovens nas pastagens é acompanhada, segundo Junod, de ritos especiais que tinham em vista dota-los de grande confiança e que chegavam a incluir aspectos relativos a vida sexual.

A título conclusivo, no período em estudo, não existem evidências sobre a prática regular de circuncisão ou de rituais de iniciação de raparigas e rapazes, na sua versão original, em que os jovens chegavam a permanecer cerca de três meses no exílio (JUNOD, 1917: 86). Existem sim evidências da manutenção da actividade pastoril para os jovens de sexo masculino e as actividades domésticas para as raparigas, numa altura em que estes costumes tradicionais começavam a ser confrontados pelo avanço da actividade missionária, por um lado, e pelas escolas

---

<sup>88</sup>O cabrito é o animal mais comum entre as comunidades Tsonga do Sul de Moçambique e é muitas vezes usado nos sacrificios cerimoniais.

<sup>89</sup>A infância de Mondlane, vista na sua auto-biografia em "Chitlango, filho de Chefe", 1990 constitui um importante subsídio para a compreensão do percurso dos jovens pastores de gado no Sul de Moçambique.

oficiais por outro, processo que foi absorvendo grande parte destes adolescentes para os novos mecanismos de educação. Sobre este aspecto, Butselaar, entrevistado em 1996, considera que muitos factores terão afastado qualquer possibilidade para a prática de ritos de iniciação pelas comunidades Tsonga do Sul de Mocambique, entre estes factores pode destacar o ambiente conturbado, no Século XIX, caracterizado pelo fenómeno Nguni e pelas migrações de Tchaka, a consequente implantação de um estado de carácter militar no sul de Mocambique que pela sua natureza era contrário a prática de ritos de iniciação para não comprometer a vida militar dos jovens, paralelamente, dá destaque as secas e a consequente fome que assolavam a região colocando as populações locais em constante movimento; por último considera que o sistema colonial não dava muito valor a componente cultural nativa e desde o final do sec. XIX e períodos seguintes o sistema colonial passou a ter um maior domínio e influência sobre a vida dos nativos. Realça também a expansão das Igrejas, quer protestantes quer estatais, que ofereciam um cenário de educação dos jovens com condições mais atrativas.

Ainda segundo Butselaar, o conjunto destes factores terá intensificado ainda mais o distanciamento gradual das comunidades africanas sobre algumas práticas dos usos e costumes locais, entre os quais podemos referir, como exemplo o lobolo e a poligamia, embora não tenham nunca sido totalmente abandonadas.

### **3.2. A Educação Cristã: as iniciativas da Missão Suíça**

#### **3.2.1. A situação antes de 1930**

No período que vai da penetração das Igrejas protestantes no Sul de Moçambique, nos finais do século XIX, até cerca de 1930<sup>90</sup>, o ensino evangélico na Missão Suíça privilegiava, sobretudo, a história sagrada. Neste processo estavam envolvidos, não só professores com certo prestígio, mas também pastores.

---

<sup>90</sup>Yosefa Mhalmhala, Moçambicano radicado na África do Sul, viaja para Moçambique (Marracuene) em 1880, e tinha grandes ligações com a igreja (Missão de Vaudoise sediada no Transvaal) (LINDER, 2001, p. 117-118)

Para a participação no ensino religioso, muitos jovens eram, convidados a integrarem-se como catecúmenos<sup>91</sup>, também conhecidos, por *Vapfumeli*<sup>92</sup> entre as comunidades locais falantes da língua Ronga.

A avaliação e a selecção dos jovens para integrarem estes grupos era da competência dos pastores, evangelistas e missionários. Depois de integrados, os jovens, para além das aulas, reuniam-se regularmente, pelo menos uma vês por semana<sup>93</sup> *Nhlengeletanu*<sup>94</sup> com os seus professores, instrutores ou com os evangelistas, para estudarem várias passagens bíblicas em espécie de catecismo, conhecidas a nível local por "*Xikatsa*", onde aprendem cantar hinos e a orar. e era nestas reuniões que na verdade uma grande parte dos jovens recebia o essencial da educação religiosa, embora para estes, as reuniões fossem um exercício monótono, aborrecido e desgastante. Este factor não passava despercebido à direcção da Igreja e cedo iniciou mecanismos com vista a tornar a educação juvenil, uma actividade em torno da qual pastores, professores, e jovens encontrassem um espaço para sua maior inspiração e realização e que fosse ao mesmo tempo atrativo para os seus membros.

Na opinião dos reformadores, o objectivo básico do novo modelo seria, em última análise, tornar os jovens mais activos e responsáveis. No centro desta ideia inovadora destacou-se um missionário recém chegado da Suíça, André Daniel Clerc<sup>95</sup>, e que durante os poucos anos de sua permanência no sul de Moçambique (em Lourenço Marques ), se ocupava da instrução dos jovens na Associação Cristã de Moçambique - A.C.M.

No centro das suas ideias estava a possibilidade de criação de Patrulhas, inspiradas em parte no modelo adoptado pelas Igrejas Suíças para o trabalho com jovens. Os proponentes achavam que este modelo, cruzado com as ideias e práticas de disciplina rigorosa a volta da educação tradicional local e nos ritos de

---

<sup>91</sup> Aquele que se prepara e se instrui para receber o baptismo (Dicionário Universal de Língua Portuguesa, 2001)

<sup>92</sup> (CLERC, op cit., p 4)

<sup>93</sup> CLERC, op cit., p 52 )

<sup>94</sup> Significa reunião, na língua thonga.

<sup>95</sup> Segundo Pastor Zitha, entrevistado em 11/02/06, o Dr. André Daniel Clerc (Licenciado em Direito) chegou a Mocambique contratado como missionário para substituir outro professor, não Suíço mas Brasileiro, Pastor "Debru" que havia reformado. Dr Clerc vinha com novas ideias sobre a formação da Juventude.

iniciação africanos, poderia resultar num mecanismo eficiente para a educação dos jovens da Igreja, pelo que a ideia foi sendo discutida a nível da liderança da Igreja onde se destacavam, para além de Clerc, figuras como, o professor Abrão Aldasse, professor no quarteirão africano de Chamanculo e o senhor Charles Périer em Mause, Manjakaz (LINDER, 2001: 152)<sup>96</sup>.

Os esforços empreendidos por membros de diferentes igrejas na busca de um novo modelo de educação religiosa, são muito destacados por Clerc na sua brochura, General notes on the "Groups" .

Muito cedo, a ideia das Patrulhas foi se generalizando no Sul de Moçambique, Missões Suíças em Lourenço Marques e Gaza e a designação Patrulhas<sup>97</sup> foi substituída por "Mintlawas".

**QUADRO ILUSTRATIVO  
SOBRE AS PRIMEIRAS "NTLAWAS" NO SUL DE MOÇAMBIQUE**

DATA	LOCALIZAÇÃO	ATIVIDADES	RESPONSÁVEL	Observações
1929	Mali, próximo de ( Rikatla- Marracuene)	Encontros periódicos Visitas a idosos e a colegas rebeldes	Amélia Schaller	O grupo envolvia Meninas que se apoiavam mutuamente
1931	Lourenço Marques ( Khovo )		André Daniel Clérc	O grupo envolvia estudantes
1931	Chamanculo	Trabalhos corporais Jogos Canto	Abrão Aldasse	Envolvia alunos nos Tempos livres Tiveram muita assistência do Pastor Clerc
1933	Rikatla	Visitas a mulheres idosas para leitura de excertos da Bíblia e cânticos	Elisabeth Margenthaler	Foram as primeiras Ntlawas de mulheres
1933	Mause Mandlakazi-Gaza	Mobilização de jovens para a vida cristã, Evangelização das aldeias, prática de jogos por equipas	Natala Sumbane <sup>98</sup>	Os grupos envolviam jovens da igreja

Fonte: Linder, 2001: 152

### 3.2.2. A emergência das "Mintlawas"

A segunda metade da década de 1920 não foi de estabilidade para Portugal, quer sob ponto de vista sócio-económico quer sob ponto de vista político; foi um período marcado pela continuação da crise interna e externa que vinha caracterizando os tempos anteriores.

<sup>96</sup> É importante destacar também o grande músico e cantor, pastor Daniel Marivathe, sediado na África do Sul autor de muitas canções da Igreja e que tinha a missão de organizar os Escuteiros (Pastor Zitha, entrevistado em 11.02.06)

<sup>97</sup> A mudança da designação Patrulha para "Mintlawas" deveu-se a conotação política e militar a que este termo remetia, procurando-se evitar qualquer choque com o governo ( Pastor Zita, 11.02.06)

<sup>98</sup> Jovem Africana Educada por Missionários

A nível internacional Portugal não fica a margem dos efeitos da crise económica mundial (1929 – 1933 ); a nível interno incluindo no Ultramar, o movimento operário afrouxa-se e a opinião pública internacional não está alheia aos acontecimentos nas colónias Portuguesas. A quebra de confiança interna vai conduzir à queda de mais um governo que vai fechar o ciclo do poder liberal em Portugal com efeitos profundos nas colónias.

O golpe de Estado Militar de 1926, iria ter implicações profundas na vida das colónias. Depois do golpe, uma progressiva reforma legislativa começa a ser levada a cabo pelo novo governo, catalizado por um ambiente internacional hostil aos moldes coloniais portugueses no ultramar, recorde-se o impacto do "Relatório Ross de 1925"<sup>99</sup>. O cruzamento de todos estes factores vai conduzir a um clima de hostilização para com todas as outras forças com interesses marginais aos de Portugal, como era o caso das Igrejas protestantes.

A legislação de 1929 visando as áreas de educação e de religião, constituiu parte dos primeiros sinais sobre o que seriam os anos seguintes no que respeita ao convívio entre os diferentes actores, e sobre o quanto difícil seria o trabalho das instituições não portuguesas nestas áreas<sup>100</sup>.

Sobre a origem ou a criação das "Ntlawas" ou "Mintlawas" pela Missão Suíça LINDER (2001)<sup>101</sup> sustenta que estes não surgiram por mero acaso, mas sim da observância, emergência e cruzamento de vários factores, onde se pode destacar:

A necessidade de se encontrar alternativas para a educação dos jovens, depois do encerramento, pelo governo colonial, das estações exteriores em 1929<sup>102</sup>

<sup>99</sup> O cidadão Americano de nome Ross, depois de viajar pela colónia Portuguesa e mantido contacto com vários actores de todas as raças e estratos sociais, elaborou um relatório bastante crítico sobre a situação desoladora das colónias Portuguesas; o relatório foi distribuído numa sessão da reunião da Sociedade das Nações, sem o conhecimento das autoridades Portuguesas criando não só uma grande indignação destas como também um grande pretexto para hostilização de todas as forças ou instituições que não fossem Portuguesas nas colónias, sobretudo as Missões protestantes, Liesegang citado por LINDER, 2001. p.147

<sup>100</sup> Segundo LINDER, 2001. p.148, em 1929 duas leis foram publicadas pelas autoridades portuguesas com objectivo de regular actividades das Missões não Portuguesas, uma relativa à educação ( escolas ) e outra atinente à Religião ( propaganda religiosa, evangelização e igreja ). Na educação p.ex. eram exigidas condições de difícil materialização pelas Missões, vistas as condições práticas da época ( casa de alvenaria com água corrente, entre outras condições nas zonas rurais ). Na prática, esta medida pecava por ter sido aplicada somente com as igrejas protestantes.

<sup>101</sup> LINDER, 2001. p.151-152

<sup>102</sup> Nos anos que se seguiram ao golpe de Estado Militar de 1926, e a instauração do Estado Novo, entre as principais medidas adoptadas pelo governo colonial Português incidiram estrategicamente

como consequência das medidas de reforma adoptadas depois do Golpe de Estado Militar de 1926. CRUZ e SILVA, 2001: 74, escreve sobre este aspecto nos seguintes termos "As restrições impostas pela legislação vigente na área da educação, geraram um certo número de constrangimentos para a realização dos seus programas de trabalho, não só para a Missão Suíça, mas para todas as missões protestantes, obrigando-as a desenvolverem métodos alternativos para ultrapassar esses problemas".

A limitação da idade escolar de 7 para 14 anos imposta pelo quadro legislativo de 1929 no respeitante ao ensino dos nativos, veio a contribuir bastante para a manutenção de vários adolescentes fora da Escola devido aos limites de idade<sup>103</sup>.

**Estatística sobre a População Indígena no Distrito de Lourenço Marques, incluindo os Grupos Abrangido pela Escolarização Obrigatória - Censo de 1930**

Local de Origem	Total por Sexo (Todo o Distrito)		População com idade até aos 14 anos	
	Homens	Mulheres	Rapazes	Raparigas
<b>Distrito de L. Marques</b>	<b>266.745</b>	<b>260.613</b>	<b>88.228</b>	<b>72.730</b>
Concelho de L. Marques	18.925	9.643	4.512	2.668
Concelho de Gaza	28.292	30.284	11.178	8.566
Marracuene	14.965	15.740	5.698	4.896
Manhiça	20.608	23.274	8.940	7.721
Sabié	10.804	12.264	4.037	3.565
Magude	16.784	19.203	4.886	4.499
Maputo	17.748	19.815	7.164	6.671
Bilene	28.207	24.725	9.260	6.881
Muchopes	33.319	36.730	10.872	9.150
Chibuto	57.464	48.090	13.834	11.372
Guijá	19.629	20.845	7.847	6.741

*Olhando para os dados globais em negrito na tabela, podemos verificar que os jovens em idade escolar obrigatória constituem cerca de 33%, população total masculina, e 27,90% da população feminina e tinham uma localização marcadamente rural.*

*Fonte: Anuário Estatístico 1931*

nas áreas da Educação e da Religião, visando por um lado o controlo e nacionalização dos nativos, física, moral e culturalmente; e ao mesmo tempo sufocar e travar a expansão das igrejas estrangeiras em particular as Missões protestantes; e sendo de destacar a lei Escolar de 1929 que reduz a idade Escolar de 7 a 14 anos ( LINDER, 2001. p.151), despondo prematuramente dos nativos para o trabalho e reflectindo claramente o desinteresse da política oficial pela escolarização dos africanos.

<sup>103</sup>Devido ao tipo de actividades que envolviam as famílias nativas, desde o trabalho nas minas, para os homens, actividade agrícola para as mulheres e pastagem para os rapazes, muitos destes últimos dificilmente poderiam frequentar a escola em tempo útil nos termos da lei (Mondlane/Chitlango não obstante fazer parte de uma família de origem nobre na sua tribo, só começou a estudar aos 12 anos e foi durante muitos anos pastor de gado caprino e bovino (Chitlango filho de chefe, 1990)

A necessidade de se encontrar um modelo de educação alternativo para os jovens nativos, que pudesse reencaminhar este grupo etário, como alternativa ao sistema de educação tradicional vigente, onde o ciclo vida dos jovens em termos de ocupação e educação estava assente, fundamentalmente, na pastagem de gado na sua aldeia, para os rapazes, enquanto que para as raparigas se assentava basicamente nos trabalhos caseiros.

Num mecanismo paralelo e alheio à evolução da Igreja e à evangelização, os jovens pastores estavam organizados nas suas comunidades, em grupos com suas próprias regras e direitos salvaguardados, onde os momentos mais importantes da sua educação juvenil, marco da transição para a vida adulta, se centravam em ritos locais de passagem rodeados de secretismo e centrados em pessoas especializadas ou determinada categoria de parentes na comunidade.

De realçar que o único ritual conhecido e as vezes secretamente praticado, centravam-se sobretudo na circuncisão dos rapazes<sup>104</sup>, ocorriam em locais isolados e distantes dos povoados sob liderança de um médico tradicional que acumulava funções religiosas, sociais e regrava a vida sexual do grupo, aspecto que inclui, informação sobre os tabus, obrigações dos circuncidados dos nas fases seguintes da vida incluindo após a contracção do matrimónio.

A circuncisão representava o momento mais esperado por qualquer jovem e rodeava-se de grande sigilo e por uma disciplina bastante rigorosa mas acatada de forma submissa pelos jovens; Estes aspectos não passaram despercebidos, para os missionários Suíços e serviram de importante fonte de inspiração na construção de um novo mecanismo de educação que pudesse conduzir e colocar estes jovens ao serviço da Igreja.

O espírito e a conduta dos jovens à volta dos rituais de passagem, o nível de organização e grau de coesão que demonstravam nas suas actividades de pasto de gado onde eram de realce aspectos como o grande sentido de responsabilidade e hierarquia face ao grupo, a solidariedade e cooperação, a visão de liderança, para além de outros aspectos sobre a vida em grupo<sup>105</sup>, podiam na opinião de algumas

<sup>104</sup> Porém esta prática estava, no período em estudo, já muito deluída e era praticada de forma muito esporádica.

<sup>105</sup> Muitos destes aspetos são muito bem reflectidos na obra "Chitlango, filho de chefe, 1990" onde entre a dureza e a violencia da vida pastoril, encontramos, em diversos capítulos, em especial de

figuras ligadas à Igreja<sup>106</sup>, serem aproveitados, adaptados e melhorados ao serviço da religião e ao mesmo tempo que poderiam ser redireccionados para a educação dos jovens pastores dando-lhes uma nova perspectiva de vida que não fossem as minas da África do Sul ou a servidão em Lourenço Marques. Nesta perspectiva incluía-se a formação de futuros líderes, pastores e professores que pudessem vir a conduzir os destinos da Igreja.

Os primeiros grupos de Patrulhas, transformados pouco mais tarde em "Mintlawas" resultaram directamente dos antigos grupos de reuniões, conhecidos a nível das comunidades locais por *nhlengeletanu*, com autorização do Consistório de Lourenço Marques.

Em 1929 em Mali, perto de Ricatla, Amélia Schaller reunia regularmente um grupo de raparigas que não só desenvolviam acções de entre ajuda mútua como visitavam idosos (LINDER, 2001: 152); no quarteirão de Chamanculo, grupos juvenis resultantes de uma experiência muito simples na paróquia operavam em 1930, sob supervisão de André Clerc, assistido por Abrão Aldasse (CRUZ e SILVA, 2001:76). Gradualmente as "Mintlawas" foram se multiplicando por todas as estações da Igreja a nível da região.

Em todos os círculos ligados á Missão Suíça a fórmula das "Mintlawas" aparecia ligada a uma função social muito importante que facilitava a ligação entre a igreja e as comunidades locais e que sob ponto de vista de impacto contribuía de certo modo para a mobilização de muitos mais crentes, um vez reflectir um boa prática social.

### **3.2.2.1. O que são "Mintlawas" e quem podia fazer parte?**

Na sua abordagem sobre a Missão Suíça, e em particular sobre as "Mintlawas", Cruz e Silva (2001) o seu foi decisivo, especialmente no ensino, onde teve uma influência importante na formação de uma nova identidade e consciência política, especialmente entre a juventude, pelo recurso a um programa de ensino informal,

---

(X,XI a XIII) marcas de grande coesão, ordem e sentido de responsabilidade por parte dos pequenos pastores.

<sup>106</sup>Com destaque para André D. Clerc

no qual muitos jovens aprendiam a compreender e analisar o meio em que estavam inseridos.

Para Pastor Zitha, entrevistado em 11.02.06 as "Mintlawas" eram um mecanismo de educação dos jovens com vista a prepara-los cívica, moral, e profissionalmente para os desafios da vida, fazendo deles homens íntegros perante a família, comunidade ou sociedade onde vivem. Eles eram na essência um verdadeiro instrumento da Igreja. Por seu turno Pastor Chamango (1994)<sup>107</sup> considera que Era nas "Mintlawas" que os rapazes e as raparigas aprendiam a vida social.

Podiam fazer parte das "Ntlawas" rapazes ou raparigas convertidos ou não convertidos, de ambos os sexos independentemente do grau de escolarização, mas que tivessem entre os sete e dez anos de idade<sup>108</sup>. As "Mintlawas" estavam divididas por género, existindo grupos de rapazes e grupos só de raparigas. Este princípio constituía um prolongamento da educação tradicional tsonga, onde a divisão de tarefas por sexo se reflectia também na distinção do tipo de educação que se dava as raparigas, por um lado e aos rapazes, por outro.

É importante também notar que estes grupos de género não seguiam estritamente as mesmas regras<sup>109</sup> havendo contudo alguns aspectos comuns como era o caso dos ensinamentos de natureza religiosa (ensino bíblico).

O ingresso dos jovens nas "Mintlawas" nem sempre era pacífico, chegando a ser coercivo até mesmo violento, daí a existência, durante o período em estudo das chamadas "rusgas" visando fundamentalmente a caça dos jovens que recusassem ou por várias razões<sup>110</sup> não aderissem voluntariamente às "Mintlawas"<sup>111</sup>.

---

<sup>107</sup> Entrevistado em 14.10.1994

<sup>108</sup> Pastor Zitha, 11.02.06

<sup>109</sup> A senhora Magadave, entrevistada em 11.02.06 considera que a diferenciação em alguns aspectos era óbvia considerando a questão do género uma vez que havia matérias como higiene cuja prática não podia ser partilhada do mesmo modo entre rapazes e raparigas, sem deixar de realçar as próprias actividades manuais.

<sup>110</sup> Considerando que os membros das "Mintlawas" viviam muita das vezes sob regime de internato, tomava-se difícil a permanência prolongada dos pequenos pastores longe das suas famílias e longe dos seus pastos, havendo situações de famílias de mulheres viúvas ou que cujos maridos se haviam há muito se radicado nas minas (Chitlango, 1990, p.120-122)

Os integrantes das "Ntlawas" eram normalmente jovens da mesma região, que frequentavam os mesmos lugares e praticavam o mesmo tipo de jogos, embora não estivesse excluída a possibilidade de ingresso de jovens de outras regiões. Eram, por isso, jovens normalmente unidos pelas mesmas brincadeiras o que viabilizava e tornava fácil a sua adaptação e coesão no grupo, propiciando o surgimento de ideias e de iniciativas.

As "Mintlawas" reuniam-se para o exercício de seus trabalhos, não em salas, mas em baixo de árvores sob liderança de um Instrutor chefe<sup>112</sup>, e do chefe do grupo que eram eleitos de entre os membros do grupo. É por este e muitos outros factos que se consideravam as "Mintlawas" como um verdadeiro exercício de vida democrática, no trabalho e na tomada de decisões, aspectos que se iriam reflectir na vida de cada um dos seus membros, na gestão dos assuntos da sua família e até como membro duma comunidade.

### **3.2.2.2. Estrutura organizacional e princípios de funcionamento das "Mintlawas"**

As "Mintlawas" tinham uma organização e funcionamento assentes numa série de actividades modulares e princípios de conduta que tinham em vista a construção da personalidade e capacidades dos jovens que os preparasse para os desafios da vida, para Pastor Zitha, entrevistado em 11.02.06, as "Mintlawas" tinha em vista a formação integral do jovens e não eram diferentes, em muitos aspectos, das Escuteiros, embora as "Mintlawas" em Moçambique não usassem fardamento.

O tipo de disciplina e princípios que baseavam a formação dos jovens nas "Mintlawas" estavam orientados no sentido de condicionar e influenciar as suas atitudes perante a família e perante a comunidade no geral. Por outro lado, os níveis de rigor e de exigência que norteavam as actividades nas "Mintlawas" contribuía decisivamente para a coesão e sobrevivência do próprio grupo.

Sobre a disciplina e rigor nas "Mintlawas", pastor Chamango, entrevistado em 19.10.94 faz o seguinte comentário, "para além da marcação prévia dos locais e datas dos encontros, o elemento do grupo encarregue para a mobilização dos

---

<sup>111</sup>"Os dias de rusga são nefastos para os pequenos pastores do mato. As rusgas organizavam-se geralmente nas Quintas feiras, dia feriado para o efeito.ninguém é previamente avisado...."(Chitlango, filho de chefe, 1990. p.118 )

<sup>112</sup> Para dar uma maior vitalidade aos Ntlawas, a Igreja conferiu a alguns catequistas, o cargo de instrutores (CLERC, op. Cit., p 8)

outros membros, devia circular com um pau, onde cada membro confirmava com um pequeno corte, a sua participação da reunião, era uma espécie de juramento, mas que desenvolvia nos membros o espírito de compromisso, era uma forma de ensinar os jovens a serem responsáveis e saber cumprir as suas obrigações...".

**3.2.2.2.1. Estrutura organizacional e hierárquica das "Mintlawas"**

No que respeita à organização, normalmente as "Mintlawas", em termos numéricos podiam variar entre 7, 10 a 14 ou elementos no máximo, pelo que eram grupos divididos por idades e sexo<sup>113</sup>, coesos e restritos. Numa Escola podia haver muitos grupos de "Ntlawas"<sup>114</sup>; e para além do instrutor que representava o órgão máximo imediatamente a seguir aos missionários, tinham uma estrutura de funções que tinha como ordenamento hierárquico o seguinte alinhamento:

Chefe; Subchefe; Iniciador dos candidatos; Arauto; Secretário; Encarregado da limpeza e da apresentação; Encarregado do local de reuniões; e o Cantor.

**Estrutura e tarefas básicas duma "Ntlawa"**

Orde	Título ou função	Tarefas	Considerações
1	Chefe do Grupo	Presidir e dirigir as reuniões	
2	Sub-chefe do Grupo	Dirigir as reuniões	Partilhava as responsabilidades do chefe, e devia ser normalmente uma pessoa mais nova para poder substituí-lo
3	Iniciador dos candidatos	Organizar os candidatos e ensina-los as primeiras noções de catecismo e música	Para uma tarefa que se considerava difícil, era lhe exigida fidelidade na execução
4	Arauto	Convocar e verificar a frequência dos membros do grupo nas actividades colectivas	É ele que informa os outros sobre a hora e o local da reunião, devendo estes gravar um sinal, na maior dos casos a inicial do seu nome em maiúsculas como forma de compromisso. Recebe instruções do chefe ou do instrutor
5	Secretário	Apresentava relatórios do grupo, marcava faltas e zelava pelas condições de funcionamento do grupo	Devia ser esente e fiel às decisões do grupo, nas sua intervenções, fazia redacção das actas e relatórios do grupo?
6	Encarregado de limpeza e da apresentação	Criação de condições para uma participação condigna dos jovens nos encontros do grupo (Ntlawa) Verifica durante as paradas, as condições de apresentação dos jovens	
7	Encarregado do local de reuniões	Identificar e avaliar o local para as reuniões do grupo	Tem apoio de pelo menos dois companheiros do grupo
8	Cantor	Entoa canções e hinos	Devia estar sempre preparado para entoar canções ou hinos nos encontros.

*Estrutura e funções dos membros de "Mintlawas", informação baseada na obra de Clerc (1963)*

<sup>113</sup>Segundo Magadave Chissumba entrevistada em 11.02.06, a separação por sexo, era uma questão necessária, considerando que não obstante os teores da biblia serem os mesmos, havia muitos aspectos educativos que eram tipicamente femininos ou masculinos, como era o caso de higiene pessoal. Mas mesmos nas actividades manuais os rapazes aprendiam fazer cestos enquanto as raparigas aprendiam bordar e fazer costura.

<sup>114</sup>Pastor Zitha, 11.02.06

As tarefas eram rigorosamente planeadas; os locais de concertação eram limpos pelos membros do grupo, que também respondiam pela elaboração das listas dos seus constituintes.

#### **3.2.2.2. Princípios básicos de funcionamento dos grupos**

Para a sua organização e funcionamento as "Mintlawas" tinham a sua base assente numa série de princípios cujos fundamentos eram:

- a) Que os grupos eram pertença da igreja e que constituíam um instrumento da igreja, sendo por si só uma verdadeira igreja;
- b) Que os grupos não dependem da iniciativa do instrutor nem estão sob sua todos os seus membros; expressa autoridade, estando pelo contrário dependentes da iniciativa de
- c) Que as "Mintlawas" tem três categorias de membros: os membros efectivos ou eleitos, considerados os verdadeiros cristãos; os Estagiários, jovens que se encontram já na fase de admissão para membros efectivos, e os candidatos, jovens que ambicionam um dia virem a ser membros das "Mintlawas". O gradualismo no processo de admissão dos membros nos grupos, tinha um múltiplo significado e resultava de um verdadeiro entrecruzamento dos valores africanos com os métodos europeus, trazidos pelos missionários, eram de facto valorizados aqui os costumes locais praticados entre os pequenos jovens pastores de gado africanos na admissão de novos membros e permitiam que estes não só valorizassem o seu "status", uma vez conquistado com sacrifício e mérito, como também inculcava neles o senso sobre a hierarquia e sobre a liderança<sup>115</sup>.
- d) A lógica de que independentemente da existência de níveis de hierarquização, a vitalidade do grupo dependia de todos os seus elementos (Membros, Estagiários e Candidatos);

---

<sup>115</sup>Nas comunidades tsonga do Sul de Moçambique, entre os pequenos pastores de gado, as regras para a admissão de novos membros eram bastante rígidas, chegando a incluir mesmo cenas de violência como prova para ver a capacidade e determinação dos candidatos. Normalmente a chefia e a hierarquia eram determinadas pela força física que acabava por determinar também o poder e o direito de iniciativa sobre os outros elementos do grupo (Chitlango, 1990).

- e) O princípio de que a vida circundante é importante devendo os grupos ter sempre em conta a diversidade em sua volta, apoio as populações locais, visitas aos hospitais e casas de acolhimento de idosos etc.
- f) A regra de ouro das "Mintlawas" assenta no princípio "*Amor ao próximo tanto quanto se ama a Deus*"

### **3.2.2.3. A Educação Não Formal nas "Mintlawas" Programas e Tarefas**

No fundamento do método "Mintlawas" estava assente a necessidade de formação dos jovens no sentido de desenvolverem não só a sua personalidade, cívica e moral, mas também dota-los de capacidades e habilidades para melhor enfrentarem os desafios da vida. Para pastor Zitha<sup>116</sup> as "Mintlawas" foram decisivas na formação da consciência dos jovens sobre o mundo que os rodeia e de forma indirecta, na consciência sobre a ideia de liberdade através do estudo bíblico, história de Israel entre outros factos religiosos.

A visão oferecida sobre as "Mintlawas", patente quer na literatura escrita como na informação oral, encontra grandes afinidades com o quadro dos objectivos atinentes á educação não formal. Porém é importante observar que um dos grandes objectivos dos missionários suíços era a criação de um grupo alternativo, para que futuramente pudesse assumir a liderança da igreja, para além da necessidade de estancar a emigração de jovens de sexo masculino para a África do Sul.

A formação da moldura intelectual, física e moral, constituíam a base de suporte de toda a programação pedagógica dos grupos.

Em termos de programa, constavam como principais disciplinas ministradas nas "Mintlawas":

- a) **A Educação Moral e Cívica** (Que visava inculcar nos jovens os princípios de boa conduta moral e cívica, as regras e conhecimentos básicos em termos de saúde sanitária/higiene). Para Benjamin Chissumba<sup>117</sup> a educação cívica e

---

<sup>116</sup>Entrevistado em 11.02.06

<sup>117</sup>Entrevistado em 18.02.06

moral constituíam algumas das principais bases de educação nas "Mintlawas" pois era aqui onde se aprendia os princípios básicos sobre como estar na vida, o respeito e a solidariedade para com o próximo, desde o amigo, o parente, a família até a comunidade.

- b) **As Ciências da Natureza e a Geografia**, a valorização da natureza animal e vegetal assim como do próprio habitat, no entendimento das "Mintlawas", passava pelo seu conhecimento e compreensão, daí a importância da aprendizagem das ciências.
- c) **Os Jogos/Educação Física**, eram dos momentos mais apreciados pelos jovens e visavam o fortalecimento do corpo e da mente, sendo as principais especialidades, o futebol, a ginástica, o atletismo e alguns jogos tradicionais. A organização de jogos<sup>118</sup>, na filosofia dos trabalhos dos grupos, os jogos tinham uma importância particular para a saúde física e mental do grupo, pois ao mesmo tempo, para além de quebrarem a vida monótona das reuniões, tornavam mais apreciável o convívio entre os jovens reforçando o seu conhecimento mútuo e coesão. Por isto e por demais factores, os jogos representavam uma componente estratégica e vital na vida das "Mintlawas".
- d) **Estudo Bíblico**, incluía o estudo do catecismo da juventude, introdução à bíblia, antigo testamento, com especial atenção para a história de Israel (exodo, libertação e outros) e era considerada uma das componentes mais importante nas "Mintlawas" quer de raparigas como de rapazes<sup>119</sup>. Era no estudo bíblico que os jovens exercitavam de facto o seu intelecto uma vez que deviam relacionar o fundamento teórico com a prática quotidiana reflectida em vários quadrantes da sua vida social.  
Era de facto uma mais-valia para o exercício intelectual e para o despertar de consciência para grande parte dos jovens envolvidos. Daqui se moldaram os pioneiros, os futuros líderes. Segundo Benjamin Chissumba<sup>120</sup>, o ensino bíblico e a Educação Cívica e Moral eram tão importantes que eram objecto

<sup>118</sup>Os jogos não eram contudo, muito praticados pelos grupos, por este facto os instrutores recebiam inúmeras críticas.

<sup>119</sup>Para alguns pastores, a influência da sociedade tradicional Tsonga que dava maior importância ao papel do homem na sociedade, fazia-se, de certo modo, sentir na profundidade em que os conteúdos eram tratados num e noutro grupo, com maior ascendente para a componente masculina.

<sup>120</sup>Entrevistado em 18.02.06

de avaliação nas escolas da Missão antes dos exames, era importante ver até que ponto os alunos dominavam estas matérias antes de fazerem os outros testes.

Anualmente as "Mintlawas" de todas as regiões encontram-se em Ricatla para apresentarem o melhor do seu trabalho, era uma espécie de conferência anual<sup>121</sup>.

- e) **Trabalhos Manuais;** tinha em vista criar capacidades e habilidades que permitissem os jovens desenvolverem iniciativas para o seu auto-sustento<sup>122</sup> e consistiam no ensino de técnicas de fabrico de material para uso local como, cestos, cordas, cabos para enxadas, colheres de madeira entre outros. Em alguns momentos os grupos participavam também em actividades como o cultivo dos campos.<sup>123</sup> Sobre este aspecto, Benjamin Chissumba<sup>124</sup> acrescenta que também participavam em actividades como aprendizagem de construção de palhotas e preparação de quintais.
- f) **Música;** nesta componente as canções ocupavam o espaço mais importante, eram o coração de todos os programas, ou reuniões, era impensável uma reunião de "Ntlawa" sem canções; eram fabricados pequenos instrumentos p.ex. flautas tradicionais,

Para além das disciplinas que abordamos acima os jovens nas "Mintlawas" desenvolviam inúmeras tarefas no seio dos grupos ou junto das comunidades, podendo-se destacar:

A organização de retiros e acampamentos<sup>125</sup> de fim-de-semana à praia.

Nos acampamentos os jovens, que chegavam a atingir entre 20 a 60 elementos

<sup>121</sup> Benjamin Chissumba, 18.02.06

<sup>122</sup> Incluía-se também permitir aos jovens dar apoio às famílias nas actividades domésticas; Marcelino Chirinja, citado por Clerc, 1968, p.100

<sup>123</sup> Os resultados das colheitas podiam ser usados para aquisição de alguns materiais como livros (inclui-se Bíblias, e hinos)

<sup>124</sup> Benjamin Chissumba, entrevistado em 18/02/06

<sup>125</sup> Os acampamentos têm um significado especial nas comunidades africanas pois simbolizam a iniciação, isto é a retirada da vida ordinária dos jovens, para longe das suas famílias, é um exercício emocionante e de grande rendimento, pois é por todos adorado e reforça em grande medida a coesão do grupo. O maior obstáculo era a necessidade de comparticipação de todos os membros para torna-los possíveis.

(CLERC, 1963: 114), eram listados e reagrupados em novas "Ntlawas" provisórias, que lhes eram atribuídos nomes<sup>126</sup> e uma estrutura própria.

A organização de um acampamento era um verdadeiro ritual para os membros duma "Ntlawa", desde a divisão de tarefas até a materialização dos programas, os jovens passavam por experiências tais, o que lhes permitiam ter uma visão mais clara sobre o verdadeiro espírito de trabalho coordenado e de vivência em comunidade. Para Clerc (1963) é importante salientar o importante papel da família, no sucesso destes programas, pois para além da autorização que os jovens recebiam dos pais para participarem nos acampamentos, muitos materiais de uso doméstico, como panelas eram cedidas de empréstimo pelo pais dos jovens.

Os acampamentos eram um verdadeiro centro de meditação e aprendizagem onde os jovens se integravam verdadeiramente na vida religiosa e em grupo. Os ensinamentos, eram diversos, e eram relativos, não só a vida religiosa, como também se contavam histórias educativas *psihitanas*<sup>127</sup>, pelos mais velhos.

Os ensinamentos e experiências que os jovens conseguiam alcançar nos acampamentos, reflectiam-se na afirmação gradual da sua sua personalidade contribuindo em grande medida para o futuro pessoal dos jovens<sup>128</sup> como da própria Igreja.

A Resolução de disputas que surgiam entre os seus membros, processo que incluía conversa com os familiares do(s) membro(s) envolvido(s) caso se revelasse necessário, não há informação sobre resolução de disputas fora do âmbito do grupo, isto é que não envolvessem os seus membros, Benjamin Chissumba<sup>129</sup> faz somente referência a visitas solidárias a membros doentes, a hospitais ou outros centros de acolhimento de pessoas em situação difícil.

As "Mintlawas" incluíam também nas suas actividades, algumas acções de caridade como, visitas a doentes nos hospitais, e restauro de casas de mulheres pobres (CLERC, 1963. p.92).

---

<sup>126</sup> Os nomes podiam se inspirar nos temas principais a serem tratados, podendo ser de animais, celebridades religiosas, lugares etc.

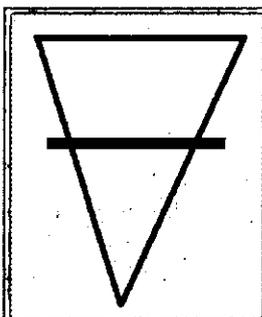
<sup>127</sup> (CLERC, 1963. p.118)

<sup>128</sup> Eduardo Mondlane, fundador da Frelimo, foi em 1938 chefe de "Ntlawa" em Lourenço Marques e mais tarde em Cambine (BIBER, 1992. p.116)

<sup>129</sup> Entrevistado em 18.02.06

A força das "Ntlawas" residia, sobretudo na grande coesão que se criava nos grupos e que assentava, segundo CLERC (1963), em três princípios básicos, a solidariedade entre os membros, e para com o próximo, tal como se previa na igreja primitiva, a divisão do trabalho entre os membros do grupo, facto que inculcia nestes um sentimento de responsabilidade pessoal perante o colectivo<sup>130</sup>, e por fim a responsabilidade individual sobre o trabalho que cada um executava, perante todo o grupo.

O simbolismo constituía também uma componente de grande importância para a vida das "Mintlawas" servindo de base para a interpretação da sua filosofia. Os três princípios que indicamos acima tinham a sua interpretação reflectida num triângulo virado para baixo e atravessado por uma barra.



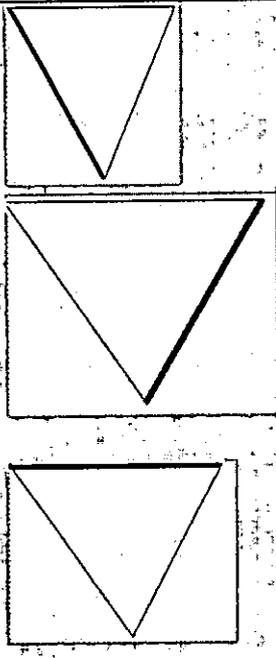
O triângulo com barra significa que devemos fazer o nosso melhor para apoiar o próximo, servir a Deus e a Igreja, agradecer a Deus e a todas as pessoas que um dia nos ajudaram na nossa vida

A Barra do Triângulo, como elemento de complemento. O triângulo com vértice virado para baixo, é atravessado por uma barra horizontal que simboliza o serviço prestado a Deus e ao próximo (solidariedade) por outro lado marca as imoralidades praticadas pelos homens

Este triângulo<sup>131</sup> reveste-se de importante significado para a filosofia de funcionamento das "Mintlawas", pois nele se encontra assente todo o suporte teórico que dá fundamento e define o carácter das "Mintlawas", propiciando, ao mesmo tempo, a sua coesão. Segundo CLERC (1963) no triângulo com barra se encontram representados três elementos importantíssimos, que fundamentam a forma de vida dum "Ntlawa", sendo eles:

<sup>130</sup> Fazia parte do método de educação dos jovens nos "Ntlawa", encarregá-los de tarefas difíceis e pedir-lhes em seguida a prestação de contas das tarefas atribuídas. Desta forma inculcia-se neles um elevado sentido de responsabilidade perante o grupo e auto-estima pelo trabalho que executavam (CLERC, 1963. p. 86)

<sup>131</sup> No triângulo com barra, representa-se o **corpo**, que é a saúde de toda a "Ntlawa"; a **Inteligência**, onde o chefe supervisa todo o processo de educação dos membros; o **Coração e Espírito**, o acto que baseando-se na oração o chefe, coloca o "Ntlawa" na presença de Deus apelando pelo seu apoio; a **Barra de Serviço**, onde o chefe prepara o seu instrutor e participa como presidente, nas visitas às famílias.



**O Corpo**, representado pela barra lateral esquerda do triângulo e que consubstancia aspectos relativos a higiene e vida saudável dos seus membros, onde se incluía higiene individual e colectiva, a alimentação, condições de habitat e jogos

**A Inteligência**, representada pela barra lateral direita do triângulo, simboliza o amor, conhecimento e protecção pelo homem, do mundo animal e vegetal, e defende o convívio pacífico e sustentável do homem com todas as outras espécies, o estudo, conhecimento e divulgação da história humana<sup>132</sup>

**A Alma**: representada pelo lado superior do triângulo, simboliza a religiosidade e a espiritualidade do homem e a sua busca da comunhão com Deus através da oração individual e colectiva.

Segundo CLERC (1963:120) aqui se manifesta o reconhecimento, do poder supremo de Deus sobre todos os homens.

Os aspectos relativos à espiritualidade revestem-se de um carácter particular, pois marcam sem equívocos uma posição de ruptura entre a visão cristã da Missão Suíça com a perspectiva africana e até certo ponto com o próprio catolicismo, relativamente a relação e a comunhão com Deus.

Entre os principais aspectos de ruptura podemos destacar, a título de exemplo, o não reconhecimento dos mortos como intermediários entre os vivos e a divindade, onde se deve, segundo a tradição africana, prestar-lhes culto de homenagem (culto aos antepassados)<sup>133</sup>.

Para os protestantes<sup>134</sup> os mortos estão no segredo de Deus e não podem intervir nos segredos dos homens, nem seu benefício, nem para atormenta-los, pelo que não se lhes dirige culto ou oração, muito menos se lhes oferece sacrifícios ou refeições em sua memória (CLERC, 1963:122) ao mesmo tempo se recusa a prática de qualquer dança pagã quer seja ela africana ou branca.

<sup>132</sup> Neste aspecto inclui-se, o estudo de biografias de celebridades da história sagrada, histórias nacionais e do continente africano (CLERC, 1963: 120),

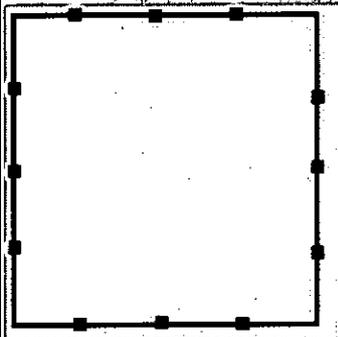
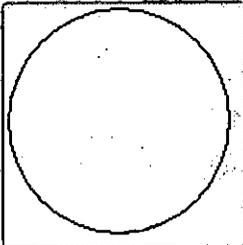
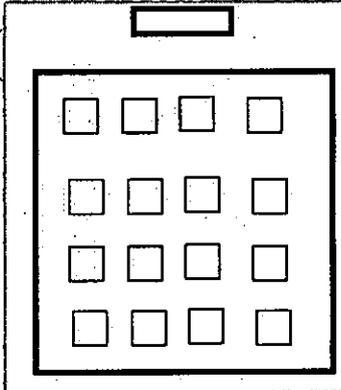
<sup>133</sup> De salientar que na doutrina católica também se prevê a homenagem aos mortos através da missa e da oração.

<sup>134</sup> Missão Suíça

De um modo geral na interpretação dos símbolos está patente o relacionamento e a interdependência entre os diferentes membros, deste o Chefe, os Instrutores e os restantes elementos das "Ntlawas" que segundo CLERC, (1963: 40) se fundamenta na reciprocidade assentes na solidariedade e responsabilidade individual e colectiva, como garante da boa saúde do grupo, o corpo ou "Ntlawa". Neste contexto a conduta individual de cada elemento integrante da "Ntlawa" tinha em conta o grupo em que esse elemento fazia parte. Por exemplo nos aspectos relativos à vida do grupo; o chefe devia visitar regularmente a família dos seus membros, saber das suas dificuldades, expectativas, e dar o aconselhamento necessário incluindo a respectiva família.

A grande força das "Mintlawas", por outro lado, é reflectiva na forma como os instrutores ou chefes do grupo se relacionam com os restantes membros, que contrariamente ao que tradicionalmente acontece nas salas de aulas no sistema de ensino formal onde o professor assume claramente, incluindo no espaço, um lugar de liderança em relação aos alunos.

**Quadro Comparativo da disposição dos alunos numa turma das Ntlawas e os Alunos numa Escola Formal**

Disposição dos membros duma Ntlawa de Rapazes	Disposição Usual dos Membros duma Ntlawa de Raparigas	Disposição dos alunos numa sala de aulas nos Estabelecimentos Escolares Formais
		
<p>Os rapazes dispunham-se normalmente em em quadro embora podessem sem inconveniência disporem-se em círculo tal como as raparigas</p>	<p>Este símbolo foi inspirado na educação tradicional africana onde o círculo esta intimamente ligado a vida da rapariga, na família representado desde a palhota, a fogueira, o pilão e a peneira, até a corda que domina os jogos típicos das raparigas</p>	<p>Secretária do Professor a frente e no centro, o quadrado representando o grosso dos alunos da turma, esta disposição confere ao professor o papel de liderança relativamente aos restantes membros do grupo e é a ele que se relega toda a iniciativa, facto contrário ao espírito e princípios que norteiam o funcionamento das Mintlawas</p>
<p><i>Cenário comparativo mostrando dois figurinos sobre a disposição das "Mintlawas" em actividade, com o de alunos numa sala de aulas de escola formal.</i></p>		

Como se pode notar na figura, a disposição física dos membros do grupo durante as reuniões altera, ficando somente um quadrado ou círculo fechado o que significa que os instrutores abandonam a secretária para se sentarem lado a lado com os restantes membros do grupo (Ntlawa)<sup>135</sup> facto que propiciava entre eles um espírito de maior unidade, confiança e abertura na discussão das suas ideias, tomada de decisões ou iniciativas.

Com este cenário pode se constatar que um dos principais papéis dos instrutores, e dos chefes do grupo, era, sobretudo, o de manter um diálogo construtivo, e útil entre os membros do grupo de modo a que todos pudessem rentabilizar no máximo os seus conhecimentos e pontos de vista. Deste modo todos os aspectos relativos a vida do grupo ou com ele relacionados, eram de forma aberta e participativa partilhados, e este princípio ou modelo facilitava, de certa forma, a busca de soluções para os problemas do grupo, a tomada de decisões e de iniciativas.

#### 3.2.2.3.1. O Processo de Avaliação nas "Mintlawas"

Um dos momentos de maior relevância na vida das "Mintlawas" é sem dúvidas, o da chamada *avaliação periódica*, que se realiza com vista a observar o grau de assimilação e o valor do grupo relativamente aos aspectos ou matérias essenciais objecto dos trabalhos das "Mintlawas". Mais do que uma avaliação individual, era uma avaliação colectiva dos seus membros. De salientar que um aluno mau, num grupo podia por em causa todo o colectivo isentando-o de uma classificação de louvor.

Os exames eram preparados colectivamente em reuniões apropriadas e preparadas para o efeito, consistindo fundamentalmente na memorização colectiva dos cânticos dos versos do programa, os títulos das lições, passagens da bíblia, ou mesmo os títulos das obras que compõem a bíblia, para depois se fazer uma análise dos ensinamentos sobre a moral e o civismo, com fruto do trabalho feito no seio do grupo (CLERC, 1963, p.70-71). Durante esta fase revela-se, não só o valor,

---

<sup>135</sup>Segundo (Clerc, op cit, p.44) o instrutor devia ter cuidado de nunca ficar separado dos seus jovens por uma mesa.

individual, mas sobretudo o valor de cada grupo, e as capacidades do instrutor. É um momento de teste, onde se questionam vários aspectos como é o caso do grau de coesão do grupo. Os resultados da avaliação das "Ntlawas" eram geralmente anunciados durante as celebrações da festa de Natal da Juventude, no dia 25 de Dezembro e tinham uma base qualitativa e percentual que variava de B=Bom; S=Suficiente; e M=Mau. Normalmente era conferido o grau de "destinta" a "Ntlawa" que obtivesse a classificação B (igual ou superior a 66%) , 34% de S sem nenhum M (Mau).

A participação dos jovens nas "Mintlawas" revelou de vital importância na sua preparação para várias frentes da vida. Foi nas "Mintlawas" que muitos jovens nativos se projectaram para novos quadrantes da vida religiosa e académica, onde gradualmente se vão afirmar quer como liderança religiosa, quer elite formada, crítica e interventiva, envolvendo-se em vários sectores e frentes da vida colectiva incluindo no questionamento do sistema vigente.

#### IV CAPÍTULO

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nosso objectivo neste capítulo avaliar até que ponto os dados ou informação que recolhemos, nos permitiram clarificar e dar resposta às questões essenciais que motivaram a realização deste trabalho, e verificar em que medida a sua análise nos permitiu construir uma posição que vá ao encontro do principal objectivo por nós preconizado, *o papel que a educação fora da escola pode desempenhar na preparação dos jovens para os desafios da vida e para o seu melhor enquadramento na sociedade.*

A análise da informação recolhida de diversas fontes, incluindo de indivíduos que viveram ou testemunharam parte dos aspectos abrangidos pela nossa dissertação, relativamente ao período em análise, demonstra a inexistência ou falta de clarividência, sobre práticas educativas ou de iniciação que a nível das comunidades Ronga, possam ser consideradas como um modelo ou mecanismo genericamente partilhado ou conhecido, de educação tradicional dos jovens, seja ele exercido ordinariamente pelas famílias ou pelas comunidades.

A informação recolhida da bibliografia secundária oferece uma melhor base para a construção de um posicionamento sobre a educação tradicional nas comunidades Ronga e dá maior consistência à tese de Junod e de Rita-Ferreira, transcrita em trabalhos de alguns investigadores contemporâneos, entre os quais Mazula (1995 ) segundo a qual os Ronga abandonaram os Ritos de Iniciação há muitos séculos.

Parte das testemunhas por nós entrevistadas<sup>136</sup> sobre esta matéria, considera que a prática dos ritos de iniciação como mecanismo de educação da juventude só é um facto em algumas províncias da região norte de Moçambique, embora em algumas províncias do Sul como Inhambane se pratique com certa regularidade o acto de circuncisão<sup>137</sup>.

---

<sup>136</sup> Sobre os Ritos de Iniciação o Administrador Matsinhe, entrevistado em 25.11.99 diz mesmo que no Sul praticamente não existem ritos, salientando como alguns sinais isolados mas sem rituais, ocorrem entre os Chopes com tatuagem nas barrigas e partes de rosto, e a circuncisão em Inhambane. Ainda segundo ele, os verdadeiros ritos só os viu em Niassa quando era militar.

<sup>137</sup> Os Nguni chegaram a proibir formalmente a prática da circuncisão, RITA-FERREIRA, 1982

A análise de fontes escritas leva-nos a considerar que a pastagem de gado, para os rapazes e a aprendizagem das actividades domésticas para as raparigas, constituíram durante muitos anos uma verdadeira escola de iniciação dos jovens, e foram uma prática generalizada na grande parte das zonas rurais do Sul de Moçambique, incluindo nas comunidades Ronga no período em estudo<sup>138</sup>, constituindo por isso, a principal referência quando se pretende falar da educação tradicional juventude incluindo nestas comunidades.

Se por um lado a vida e educação e socialização da rapariga decorre num ambiente mais caseiro, e assente nas actividades domésticas; uma grande rigidez de regras de disciplina dos grupos, e uma organização peculiar com estrutura funcional própria caracterizavam a vida dos rapazes nas actividades de pasto. Enquanto para as raparigas a disciplina ditava o sucesso e aptidão para uma nova vida e sucesso no lar, a adaptação aos desafios do mato impostos pela actividade pastoril e de caça, determinavam a aptidão masculina para a vida adulta. A admissão nos grandes pastos era uma importante fontes de inspiração para muitos jovens, e a sua integração nos grupos simbolizavam para muitas famílias rurais a maior prova de crescimento dos seus filhos, uma vez que, na sua óptica, era lá onde se podiam fazer verdadeiros homens, e futuros chefes da família, pela aprendizagem dos segredos do mato e da caça<sup>139</sup> até emigrarem para as minas e construírem famílias. Este é o cenário que em grande medida os missionários encontram no período de contacto.

A influência dos factores migratórios de povos que caracterizou a região sul de Moçambique, sobretudo a partir da segunda metade do Século XIX e que teve como principais actores os Nguni, os missionários, e as autoridades coloniais, tiveram efeitos progressivos e irreversíveis na sociedade e cultura Ronga com efeitos evidentes na sua organização económica e socio-cultural. O declínio da actividade comercial baseada no marfim<sup>140</sup>, o desaparecimento dos grandes pastos

<sup>138</sup> Durante o período em estudo a urbanização ainda estava muito circunscrita e a sua influência sobre as comunidades rurais era lenta e gradual.

<sup>139</sup> Esta ideia está bem patente na obra de Mondlane, Chitlango, o filho do chefe ( 1990 )

<sup>140</sup> Sobre este aspecto RITA-FERREIRA, 1982, p.166, destaca mesmo que com o comércio de marfim, os Rongas da Baía Espírito Santo ( actual Baía do Maputo ), chegaram a albergar, no Sec. XVIII, um dos maiores centros de comércio de África, viajando inclusive para regiões longíquas de Cabo e Zoutpansberg na vizinha África do Sul. Para este autor, a importância comercial de L. Marques

de gado devido a acção predatória Nguni<sup>141</sup>, a cobrança dos impostos pela administração colonial, e a necessidade de manutenção dos hábitos culturais como a poligamia e o lobolo, vão por em causa os mecanismos de subsistência e de reprodução das comunidades locais forçando a transição e a apetência pelo trabalho assalariado que só encontra resposta nas minas, e plantações da África do Sul, intensificando paralelamente a pressão populacional sobre a então Lourenço Marques.

A penetração missionária, não obstante pacífica, trouxe consigo dois fenómenos marcantes, e com implicações antagónicas entre si, o primeiro assenta na rejeição de várias práticas características dos usos e costumes locais, consideradas contrárias aos princípios e doutrina da Igreja, são os casos, da religião tradicional local, de canções, danças e instrumentos tradicionais africanos, a poligamia e o lobolo. O segundo, fundamenta-se selecção e integração de alguns aspectos da cultura local no trabalho da igreja, como são os casos da língua local<sup>142</sup> e de vários aspectos ligados a educação tradicional e particularmente a vida pastoril da juventude, e a sua integração ou aproveitamento na definição de modelos de educação religiosa dos jovens as "Mintlawa". Esta dualidade na postura da Igreja no período de penetração, vai abrir espaço para o surgimento de dois fenómenos importantes e permanentes, por um lado desenvolvimento das comunidades cristãs localmente conhecidas por "Vakholwa"<sup>143</sup> que gradualmente renunciam à religião tradicional embora numa primeira fase mantenham focos de resistência relativamente ao abandono de certas práticas como o lobolo e a poligamia<sup>144</sup>; o segundo fenómeno é a absorção gradual dos jovens e a sua integração em novos mecanismos de educação sob argumento da necessidade de neles se incutir não só religiosidade mas também os valores morais e cívicos. Os missionários acreditavam

---

só entrou em declínio a partir de 1824 altura em que o comércio de escravos havia atingido um nível muito alto.

<sup>141</sup> Os Ngunis não praticavam agricultura, dedicando-se exclusivamente a vida militar e desenvolvendo acções de saque ou confiscação do gado das populações locais sob seu domínio.

<sup>142</sup> Neste contexto foram produzidas e publicadas muitas obras, incluindo a traduções para a língua local, de várias obras como a bíblia, catecismos, cânticos, obras de geografia, aritmética e outros (GONÇALVES, 1960. p.158-159 )

<sup>143</sup> Significa religiosos ou cristãos na língua genérica Tsonga.

<sup>144</sup> Os focos de resistência mais radicais à evangelização estavam normalmente ligados às estruturas locais de poder muito comprometido com a prática da religião tradicional, os não praticantes da religião cristã eram locamente chamados "Vahedeni"

que o futuro da igreja dependia da educação que esta devia conferir a juventude nativa processo que passava pelo seu desenraizamento da educação tradicional assente nas matas e no pasto. Daí que a educação da juventude pela igreja não era só uma imposição social como também se tratava de uma necessidade de sobrevivência da igreja.

O projecto colonial representou para as comunidades locais, o principal centro de alienação não só económico-social como também cultural. Toda a estratégia colonial tinha em vista não só colocar os nativos ao serviço da metrópole, mas pelo trabalho, fazer deles Portugueses.

O contacto e entre cruzamento de valores Socou Culturais Ronga com valores externos, impôs o surgimento de novos mecanismos de sobrevivência e novas práticas que se vão reflectir na emergência de novas actividades que vão promover o distanciamento da população, sobretudo, de sexo masculino das tradicionais actividades comercial e pastoril, e de certa forma com a própria família<sup>145</sup>; vai-se observar a construção, sob ponto de vista de mentalidade, de uma nova identidade comunitária que procura cultivar e orientar-se segundo novos padrões de cultura e de moral e que vai absorver uma parte considerável da massa populacional Ronga.

Na sua função social, a Missão Suíça desenvolveu, em complemento da actividade religiosa, um papel de relevo nas áreas de saúde e muito em particular na educação. A educação, aspecto central do nosso trabalho, foi levada a cabo nas duas vertentes mais importantes, a formal através da criação de uma rede de Escolas junto das Estações Missionárias, e por outro lado, através da educação não formal, pela criação de um mecanismo estratégico, centrado na educação da juventude através das "Mintlawa" e que tinha em vista fazer destas instrumento da Igreja. As "Mintlawa" serviram de instrumentos de mobilização e educação da juventude com vista a sua gradual integração na vida religiosa, e social, afastando este grupo da visão pagã e de ociosidade que para os missionários só

---

<sup>145</sup> O trabalho nas minas é o novo horizonte de esperança para muito homens.

podia perpetuar a prática migratória e os costumes contrários aos princípios cristãos entre os quais a poligamia<sup>146</sup>, o lobolo<sup>147</sup> e a prática da religião tradicional.

A inclusão na educação religiosa de jovens, de programas de habilitação assentes no desenvolvimento e ensino de ofícios ligados a aspectos da cultura local, de princípios de disciplina rigorosa, assente na vida em grupo e para o grupo, ajudou não só o direccionamento e integração socio -profissional dos jovens, como também foi decisiva<sup>148</sup> na construção de homens capazes e habilitados, futuros chefes de família, líderes e trabalhadores. Pastor Chamango entrevistado em 19.11.1994 cita um responsável distrital da polícia que glorifica as "Mintlawas" nos seguintes termos, "tudo o que sou é fruto da minha passagem pelas "Mintlawas", muitos colegas meus foram presos e passaram pelas cadeias, culpados e acusados de irresponsabilidade, mas eu continuo a sentir-me responsável como era ou fui na altura em que era membro das "Mintlawas", a participação nas "Mintlawas" fez com fosse como sou até hoje e nunca vou parar na cadeia, fui sempre fiel ao meu compromisso". Este constitui um de entre vários exemplos que consubstanciam o alcance da vida dos jovens nas "Mintlawas" onde tantos outros outrora beneficiaram de educação e formação que lhes permitiu contribuir a vários níveis, quer como membros, quer como liderança nas famílias, na comunidade e no país numa forma geral.

A educação não formal exercida pela Missão Suíça através das "Mintlawas", ao priorizar a educação moral e cívica do indivíduo, serviu de importante complemento ao ensino formal, assente fundamentalmente na instrução pois o desenvolvimento da capacidade técnica deve ser acompanhado de uma educação moral e cívica de forma a permitir o desenvolvimento de valores ligados a forma de estar em sociedade onde a auto-estima, a solidariedade, o respeito pelo próximo,

---

<sup>146</sup> Pastores da Missão Suíça, entre os quais Chamango, Zita, e Sibane, consideram que a poligamia foi durante muitos anos tolerada pela Igreja, considerando que muitos crentes foram convertidos polígamos e tinham já famílias constituídas, mas era inadmissível que membros da Igreja optassem por esta via depois de convertidos. A perspectiva da Igreja era evitar a confrontação com os crentes mas caminhando gradualmente para a ruptura desta prática.

<sup>147</sup> O lobolo na sua versão original era um acto de legitimação ou validação da união entre os indivíduos e entre duas famílias e não significava necessariamente o pagamento de valores monetários, mas gradualmente imoralizou-se a prática e passou a ser conotado com a venda da mulher, Pastor CHAMANGO ( 1994)

<sup>148</sup> Muitas raparigas permaneciam nas "Mintlawas" até a altura do casamento e aprendiam, entre outras, coser a máquina, bordar, e muitos outros aspectos ligados à uma boa gestão do lar.

pelas instituições e pelas normas colectivas, podem permitir uma integração mais efectiva e sustentável do indivíduo no grupo ou comunidade onde faz parte.

As "Mintlawa" contribuíram de forma decisiva para o despertar da mente e para a construção de uma nova identidade do nativo africano, cuja intelectualidade era encarada com reserva e preconceito, não só pelos colonizadores, como também pelos próprios missionários.

A experiência de trabalho com as "Mintlawas" não obstante ter surgido na igreja, pode constituir um modelo a aproveitar no trabalho com jovens, em várias instituições ou agremiações que directa ou indirectamente lidam com a educação e formação da juventude.

A nível das instituições de ensino a reintrodução de cadeiras ligadas à moral-cívica e aos ofícios, poderia ser complementada por trabalhos ou actividades extracurriculares regulares, como palestras, visitas a locais de interesse culturais ou histórico até acções de caridade como trabalhos voluntários ou de férias junto de hospitais, centros de acolhimento até mesmo fábricas. É nosso entendimento que a participação dos Jovens neste tipo de actividades ou iniciativas, permitiria desenvolver neles diversos potenciais, desde o desenvolvimento de habilidades básicas que poderiam influenciar a inclinação ou denunciar a sua vocação, o contacto com diferentes quadrantes de conhecimento através da partilha e do contacto directo com a realidade, poderia dota-los de uma visão mais regrada e realista da vida.

Consideramos que o conhecimento adquirido através do contacto com a realidade pelos jovens, poderá melhor influenciar a sua decisão e opção de enquadramento académico ou profissional futuros.

A introdução de actividades regulares paralelas no ensino formal, daria maior espaço ou campo para a educação na perspectiva de moralização da juventude o que complementaria o processo de instrução que no nosso entender preenche na prática grande parte da função actual do ensino escolar.

A nível de agremiações ou associações, importa recordar que as "Mintlawa", demonstraram serem um verdadeiro espelho de uma democracia juvenil, onde o poder do líder, do instrutor ou do professor, só se materializa através da participação activa, consciente e solidária dos seus membros na materialização de

um determinado objectivo. Nesta perspectiva consideramos que estes princípios que com sucesso foram exercidos por longos anos nas "Mintlawas", poderão de forma sábia serem aproveitados na definição dos princípios e práticas de trabalho ou actividades de muitas agremiação.

A Missão Suíça, de forma pioneira e sistemática constituiu um importante pilar na formação e despertar da mentalidade nacionalista em Moçambique, ao ter contribuído na educação e formação de muitos jovens que tiveram um envolvimento pioneiro em assuntos chaves de interesse nacional, como questionamento do próprio colonialismo.

Numa estratégia traçada para a sua própria sobrevivência, a filosofia e a actuação da Missão Suíça, revelou-se de forma indirecta ser um obstáculo e ameaça para os objectivos de desnacionalização projectados pelo Governo Colonial Português ao ter contribuído para a construção de mentes instruídas e educadas na população nativa.

**BIBLIOGRAFIA**  
**FONTES ESCRITAS**

**1. FONTES PRIMÁRIAS**

MATHE, Casimiro Pedro. <sup>to</sup> *Aubiografia de Casimiro Pedro Mathe, pastor da Igreja Presbiteriana de Moçambique*. Maputo: AHM, 1993. Ref. T/T nr. MP-C 167 CX 16, ver tb. C nr 1072; 1073 MP-C.509; 510

**2. FONTES SECUNDÁRIAS**

**2.1. Bibliografia Publicada (Periódicos, Artigos, Livros, e outros Textos)**

AFRIK, Tai. *Basic adult non-formal education curricula: a Sub-Saharan African scenario*. Dakar: Regional Office, 1995.

Anuário estatístico. *Annuaire statistique*, ano XXVIII / Repartição Técnica de Estatística. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1955.

*Anuário estatístico da colónia de Moçambique, ano de 1930* / Repartição de Estatística. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1931.

AZEVEDO, Mário. *Historical dictionary of Mozambique*. London, 1991.

BERNARDI, Bernardo. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa: Edições 70, 1974. ( *Perspectivas do homem*, 6).

BOLÉO, José de Oliveira. *História da Educação: segundo as preleções feitas ao curso de ciências pedagógicas de 1963 – 1964 pelo Professor Doutor José de Oliveira de Boléo*. Lourenço Marques: Estudos Gerais Universitários de Moçambique, 1964

BUTSELAAR, Jan Van. *Africanos, missionários e colonialistas: as origens da igreja Presbiteriana de Moçambique (Missão Suíça), 1880-1896*. Lausanne: Département Missionnaire des Eglises protestantes de la Suisse Romande, 1987.

CABRAL, António Augusto Perfeira. *Raças usos e costumes dos indígenas da província de Moçambique*. L. Marques: Imprensa Nacional, 1925.

CAMACHO, Brito. *Moçambique, problemas coloniais*. Lisboa: Ed. Guimarães, 1926.

CASAL, Adolfo. *Educação Tradicional Banto*. Maputo: Centro de Estudos de Comunicação. Curso de Ciências de Educação - UEM, 1978.

CHEATER, Ângela. *Introdução às ideias antropológicas e aos métodos de trabalho da disciplina: alinhavados teóricos*. Maputo: Departamento de Arqueologia Antropologia – UEM, 1990.

CLERC, André Daniel. *A prática da vida cristã nos grupos de rapazes da igreja Presbiteriana de Moçambique*. L. Marques: IPM, 1968.

CLERC, André Daniel. *A prática da Vida cristã nos grupos de rapazes da Igreja Presbiteriana de Moçambique*. L. Marques: C.C.M, 1963.

CLERC, André. Daniel. *General notes on the "Groups" and some information on the bantu students of the Christian Center of Khovo*. L. Marques: [s.n.], [196?]. ( Missionary Work in Mozambique ).

CRUZ E SILVA, Teresa. *Igrejas protestantes e consciência política no sul de Moçambique: O caso da Missão Sulça (1930-1974)*. Maputo: Promédia, 2001.

( Identidades, 12 ).

CRUZ E SILVA, Teresa. Igrejas protestantes no Sul de Moçambique e o nacionalismo: o caso da Missão Sulça (1940 –1974). In: *Estudos Moçambicanos*, nº.10 (1992) pp.19-39.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: ASA, 1996.

FERREIRA, Eduardo de Sousa. *Fim de uma era: colonialismo Português em África*. Lisboa: Sá da Costa, 1977.

FERREIRA, Manuela. A família africana em Moçambique mantém o casamento tradicional. In: *Africa - hoje*, nº. 6 (11, 1986) pp. 6-11.

GOLIAS, Manuel. *Sistemas de ensino em Moçambique: passado e presente*. Maputo : Editora Escolar, 1993.

GONÇALVES, José Júlio. *Protestantismo em África: contribuição para o estudo do protestantismo na África Portuguesa*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1960. Vol.II

*Guerra (A) dos reis vátuas...: do Cabo Natal, do Maxacane da Matola, do Macassane do Maputo e demais reinos vizinhos contra o presídio da Baía de Lourenço Marques / Introdução e notas por Gerhard Liesegang*. Maputo: Arquivo Histórico Nacional: Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane, 1986. ( Documentos, 1)

HEDGES, David, ed. *História de Moçambique: Moçambique no auge do colonialismo Português, 1930-1961*. Maputo: Departamento de História, Universidade Eduardo Mondlane, 1993, Vol.3.

HELGESSON, Alf. Catholics and Protestants in a clash of interests in Southern Africa. In: HALLENCREUTZ and PALMBERG, M., eds. *Religion and politics in southern Africa*. Uppsala: The Scandinavian Institute of African Studies, 1991, pp. 194-206. (Seminar Preecedings, 24).

HERKSKOVITS, Melville. *Antropologia cultural: man and his works*. São Paulo: Mestre Jou, c1977 (1 e 2 Partes).

JUNOD, Henriques A. Ba Ronga (Les): Etude ethnographique sur les indigenes de la baie de Delagoa In: *Bull Société Neuchateloise de geographique*, nº.10 (1898) pp.5-500.

JUNOD, Henriques A. *Usos e costumes dos bantus: a vida duma tribo Sul-Africana*. L. Marques: Imprensa Nacional, 1974. (I e II tomos).

LEVI-STRAUSS, Claude. A família. In: SHAPIRO, Harry Lionel. *Homem, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982, pp.355-380.

LIESEGANG, Gerhard. Lourenço Marques antes de 1895: aspectos da história dos Estados vizinhos, da interacção entre a povoação e aqueles Estados e do comércio na baía na povoação. In: *Arquivo*. Maputo, nº.2 (1 1987) pp.19-75.

LINDER, Adolphe. *Os Suíços em Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 2001, ( Estudos, 17 ).

MACQUEEN, Norrie. *A descolonização da África Portuguesa: a revolução metropolitana e a dissolução do império*. [s.l.] : Inquérito, 1998, (Inquérito história, 5).

MAZULA, Brazão. *Educação, cultura e ideologia em Moçambique: 1975-1985 ( Em busca de fundamentos filosófico-antropológicos )*. Lisboa: Afrontamento, c 1995.

MONDLANE, Eduardo. *Lutar por Moçambique*. Lisboa: Costa Editora, 1975.

OSÓRIO, Conceição. "Educação e ensino da história". In: JOSÉ, Alexandrino e MENESES, Maria Paula, eds. *Moçambique – 16 anos de historiografia: focos, problemas, metodologias desafios para a década de 90*. Maputo: Edição dos autores, 1991, pp.175-192.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. [s.l.]: Europa-América, 1997. (Biblioteca da História, 19 ).

*Pedagogia e didática*. Lourenço Marques: Universidade de Lourenço Marques, 1973.

PÉLISSIER, René. *História de Moçambique: formação e oposição 1854-1918*. 3ª ed.. Lisboa: Estampa, 2000, Vol. II. ( História de Portugal, 11).

PINTO DE ANDRADE, Mário. Proto-nacionalismo em Moçambique – estudo de caso: Kamba Simango (c1890-1967). In: *Arquivo*, nº.6 (10, 1989) pp.127-148.

RITA-FERREIRA, António. *Agrupamentos e caracterização dos indígenas de Moçambique*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1958.

RITA-FERREIRA, António. *Os Africanos de Lourenço Marques, separata de memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique 1967-68*, 9. L. Marques: [s.n], 1968. (Série C, Ed. IIC de Moçambique ).

RITA-FERREIRA, António. *Povos de Moçambique: história e cultura*. Porto: Afrontamento, 1975.

Ritos de iniciação feminina. In: *África-hoje*, 4 (9, 1985) pp. 11-14.

Ritos de iniciação masculina em África. In: *África-hoje*, 3 (8,1985) pp. 5-9.

SAMPAIO e MELO, Lopo Vaz. Bosqueio etnográfico da população indígena de distrito de Lourenço Marques In: *Anuário da Escola Superior Colonial*. Vols. 12-13 (1931-1932) pp. 351-370. (Excerto de um livro em preparação).

SHAPIRO, Harry .Lionel. *Homem, cultura e sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SOUTO, Amélia Neves de. *Guia bibliográfico para estudantes de história de Moçambique 200/300 – 1930*. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 1996.

## **2.2. Bibliografia Não Publicada : Dissertações, Artigos, ou Textos**

MACAMO, Marcos. *A contribuição do sector não estatal na educação básica em Gaza*. Maputo: C.C.M, [s.d.].

MUTEMBA, Abner Sansão. *Usos e costumes do Sul de Moçambique*. L. Marques, 1972. (documento dactilografado) AHM.

### FONTES ORAIS

Todas as entrevistas foram feitas por Paulino Ricardo

NR	NOME DO ENTREVISTADO	ANO DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO	LUGAR	DATA
01	BIATO-PAULO, A.	1970	Estudante	Cidade do Maputo	30.11.99
02	BUTSELAAR, J. V.	Sem referência	Pastor	Cidade do Maputo	1999
03	CHAMANGO, S.	1935	Reitor de Rikati	Marracuene	19.10.94
04	CHISSUMBA, M.	1934	Doméstica	Cidade do Maputo	11.02.06
			Crente da IPM		
05	CHISSUMBA, B. G.	1935	Reformado	Cidade do Maputo	17.02.06
			Crente da IPM		
06	DIMENE, A.	Sem referência	Professor reformado	Cidade do Maputo	1994
			Missão Suíça		
07	HONWANA	Sem referência	Doméstica	Cidade do Maputo	1999
08	KHOSSA, F.	1933	Professor na UEM	Cidade do Maputo	18.05.95
09	MATSINHE, V.	1941	Administrador da IPM	Cidade do Maputo	25.11.99
10	NKONWANA, D.C.	Sem referência	Pastor	Cidade do Maputo	1999
11	SIBANE, O.	Sem referência	Pastor da IPM	Cidade do Maputo	1994
12	ZITHA, A. B.	1943	Pastor da IPM	Cidade do Maputo	11.02.06